

Aline Veiga Pereira Ribeiro Velho

**TRANSFERÊNCIA E REPETIÇÃO:  
CONJUNÇÕES-DISJUNÇÕES**

Dissertação submetida ao Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profª. Dra. Mériti de Souza

Florianópolis  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Velho, Aline  
Transferência e Repetição : conjunções-disjunções / Aline  
Velho ; orientadora, Mériti Souza - Florianópolis, SC, 2014.  
105 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

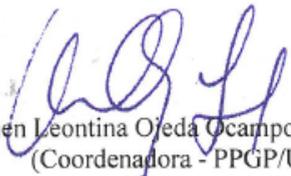
1. Psicologia. 2. Articulação entre os conceitos  
psicanalíticos de transferência e repetição. I. Souza,  
Mériti. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

*Aline Veiga Pereira Ribeiro Velho*

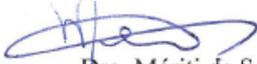
*Transferência e Repetição: conjunções-disjunções*

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

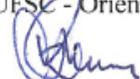
Florianópolis, 09 de julho de 2014.



Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Mériti de Souza  
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dr. Carlos Augusto Remor  
(UFSC - Examinador)



Dr. Maurício Maliska  
(PPGCL - UNISUL - Examinador)



Dr. Kleber Prado Filho  
(PPGP - UFSC - Examinador)

Dra. Lucienne Martins Borges  
(PPGP-UFSC - Suplente)



## AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Mériti de Souza, orientadora desta pesquisa, por seu acolhimento, disponibilidade, contribuições e, muito especialmente, por confiar no meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Augusto Monguilhott Remor, pelas contribuições na construção do texto e pela transmissão da psicanálise em diferentes âmbitos e oportunidades.

À Professora Tânia Nottën Mascarello, por seus preciosos ensinamentos, cuidadosa e incansável transmissão da psicanálise e por sua presença, sempre.

Aos professores Maurício Maliska, infatigável e imprescindível examinador dos meus textos e Kleber Prado Filho, por aceitarem o convite para participar da Banca Examinadora desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação da UFSC e aos professores, por ministrarem as disciplinas com extrema competência.

Ao meu marido José Afonso, por respeitar incondicionalmente e incentivar os meus interesses e anseios profissionais.

Aos meus pais Terencio e Sonia, por serem quem são, o que é indizível aqui.

Ao meu sobrinho Carlos Pereira Thompson Flores, por me inspirar de muitas maneiras, por despertar o meu desejo de saber mais e por ser tanto...

Às minhas amigas e colegas Monique Bez e Valéria Faria, por compartilharem os desassossegos próprios da nossa escolha profissional e por demonstrarem, de alguma maneira, que estão perto de mim.

Ao meu psicanalista, pelo manejo da minha transferência, condição *sine qua non* para o interesse na pesquisa e na construção deste texto.

A vocês, o meu afetuoso agradecimento!



*Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia.*

Guimarães Rosa



## RESUMO

Este texto investiga articulações entre os conceitos psicanalíticos de transferência e repetição, buscando dizer algo acerca de algumas de suas conjunções e disjunções. Para tanto, estabelecemos uma aproximação do leitor com a Teoria Psicanalítica, por meio da apresentação de seus principais mestres, Sigmund Freud e Jacques Lacan, e, em seguida, percorremos as suas produções literárias, assim como de outros pesquisadores psicanalistas, sobre os conceitos mestres da pesquisa. Por aparecem entrelaçados com tais conceitos, os temas relativos à angústia, ao desejo, ao gozo, à fantasia e à pulsão de morte foram trabalhados em momentos distintos. O objetivo da pesquisa, para além daquele determinado metodologicamente, consistiu em estudar e “falar” da psicanálise. Muito especialmente falar do fenômeno que se estabelece entre analisante e analista, em transferência, que possibilita a aparição do sujeito.

**Palavras-chave:** Repetição. Transferência. Junções. Disjunções.



## ABSTRACT

This paper investigates links between the psychoanalytic concepts of transference and repetition, trying to say something about some of their conjunctions and disjunctions. For this purpose, we establish an approximation of the reader player with the Psychoanalytic Theory, through the presentation of his main masters, Sigmund Freud and Jacques Lacan, and then we go through his literary productions, as well as other psychoanalysts researchers, about the main concepts of the research. Because they appear with such intertwined concepts, themes related distress, desire, joy, fantasy and the death instinct were worked at different moments. The objective of the research beyond that methodological determined, was to study and “talk” about psychoanalysis. Especially talking about the phenomenon that takes place between analyst and analysand, in transference, which allows the appearance of the subject.

**Keywords:** Repetition. Transference. Junctions. Disjunctions.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	23
2.1 OBJETIVO GERAL.....	23
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	23
<b>3 MÉTODO</b> .....	25
<b>4 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	29
4.1 FREUD E A PSICANÁLISE .....	29
4.2 LACAN E A PSICANÁLISE .....	33
4.3 TRANSFERÊNCIA .....	38
4.4 REPETIÇÃO.....	57
4.4.1 Quando a recordação falha: sobre o texto <i>Recordar, repetir e elaborar</i> .....	68
4.4.2 Quando o familiar torna-se estranho .....	71
4.4.3 A repetição, além do princípio do prazer .....	82
<b>5 ALGUMAS PALAVRAS EM CONCLUSÃO</b> .....	93
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97



## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva investigar articulações entre os conceitos psicanalíticos de repetição e transferência, buscando destacar conjunções e disjunções, o que possibilitará pensar a repetição em transferência. A pesquisa não tem a pretensão de ser exaustiva. Ao contrário, temos a devida noção dos limites da exploração a que nos propomos, visto se tratar de um recorte possível do tema. Recorte que, naturalmente, privilegia pontos, expressões, brechas, palavras ou quaisquer elementos que possibilitem a construção de um discurso que nos revele algo novo a partir dos textos de Freud, permeados por pontuações de Lacan, assim como de seus leitores, pesquisadores psicanalistas.

Uma primeira aproximação dos temas em tela, cujo interesse foi suscitado pela experiência clínica, assim como pela análise pessoal, permitiu-nos defrontar com certa dificuldade, em alguns momentos teóricos, em apreender onde os conceitos – repetição e transferência – se unem e onde se separam. No entanto, foi por meio da leitura acurada de *O Seminário – Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, de Lacan, que nos achamos defrontados com aquela que já era, de alguma maneira, uma ideia própria: há disjunções entre os conceitos. Além disso, nesse mesmo trabalho, Lacan (1964/1988c) afirma ser comum ouvir entre os psicanalistas que a transferência é uma repetição. Segundo Lacan, não se deve negar que há repetição na transferência, tendo sido por meio desta que Freud abordou a repetição, o que gerou uma série de ambiguidades envolvendo os dois conceitos. No entanto, adverte: “[...] o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência” (LACAN, 1964/1988c, p. 36). A par disso, questionamo-nos sobre onde podemos situar tais conjunções e disjunções. Ademais, cotejando o posicionamento de Lacan (1964/1988c) com noções estabelecidas por Freud em torno do tema, onde parece haver toda uma lógica da repetição presente na transferência, perguntamo-nos: há repetição na transferência? Como pensá-la?

A seguir, um breve recorte permite melhor situar a frutífera problemática suscitada pelas formulações sobre o tema.

Por ocasião da análise da jovem Dora, ocorrida entre outubro e dezembro de 1900, momento da construção teórica cujo grande interesse de Freud voltava-se à recordação dos acontecimentos passados do paciente, deparou-se o mestre vienense com algo novo e insuspeitado

até então quando a analisante abandona o tratamento após três meses, repetindo desse modo uma situação vivida anteriormente sobre a qual não possuía quaisquer lembranças.

O caso de Dora fora relatado sob o título de *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (1905). O que, nesse momento da construção do edifício teórico da psicanálise, se interpõe a Freud é mais adiante assinalado: “O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas o expressa pela atuação ou atua-o (*acting out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o sem, naturalmente, saber o que está repetindo” (FREUD, 1914/1996m, p. 196). Tratava-se da transferência, mecanismo descrito por Freud (1914/1996m) como um fragmento de repetição onde o analista, por exemplo, tomando o lugar da imago materna ou paterna, é capturado, “entrando” de algum modo nessas repetições (GARCIA-ROZA, 1986). Em outros termos, estabelece-se, pela via da transferência com o analista, uma substituição do que não é verbalizado, tampouco recordado, por um ato do analisante.

Garcia-Roza (1986), ao referir que a repetição é um mecanismo inconsciente e defensivo, decorrente da repressão, elucida justamente o fato de tal mecanismo não contemplar a reminiscência. No entanto, se, por um lado, esse notável fenômeno se afigura como resistência, por impedir tanto a lembrança como o dito; por outro, pode configurar-se como “[...] o mais poderoso instrumento terapêutico” (FREUD, 1920/1996a, p. 264), na medida em que permite ao analista, pelo manejo, constituir-lo como “ferramenta” em favor da análise.

A repetição (*Wiederholung*), conforme as referências até aqui apresentadas, afigura-se na base da transferência, tendo sido por meio desta, como antes mencionado, que o inventor da psicanálise se aproximou e abordou o fenômeno da repetição. Passemos, a seguir, a uma primeira e, por ora breve, aproximação do conceito de repetição.

O tema da repetição acompanha o homem desde a mais remota antiguidade. Atravessa a história do pensamento ocidental desde o mito passando pelo “eterno retorno”, de Heráclito, até alcançar o pensamento de Nietzsche. E é com o peso dessa trajetória que o fenômeno ressurge na obra de Freud (GARCIA-ROZA, 1986), sendo abordado sob vários enfoques ao longo da história do pensamento psicanalítico. Sobre essas noções, o leitor encontrará apontamentos complementares em momento oportuno no transcurso da pesquisa.

No tocante à repetição na psicanálise, alguns autores consideram que a ideia de uma atividade psíquica originária regida pela compulsão à

repetição já se fazia presente no *Projeto para uma psicologia científica* (1895). No entanto, é por ocasião da análise da jovem Dora, antes comentada, que o conceito começa a ganhar algum contorno. Os seguintes textos freudianos ganham relevo neste estudo: *A dinâmica da transferência* (1912); *Recordar, repetir e elaborar* (1914); *O Estranho* (1919) e *Além do Princípio do Prazer* (1920). É neste último que a repetição, enquanto conceito, é introduzida mais formalmente, tornando-se fundamental para o desenvolvimento do corpo teórico-clínico da psicanálise. Trabalharemos os referidos textos, embora a pesquisa não se proponha ao estabelecimento de uma genealogia dos conceitos em pauta.

O título do texto mencionado – *Além do Princípio do Prazer* (1920) –, que pressupõe a noção de que “[...] o prazer, que originalmente é um processo, torna-se um princípio organizador da vida psíquica” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 47), não é vão. Freud, nessas linhas, busca responder, fundamentalmente, um questionamento: como a compulsão à repetição se relaciona com o princípio do prazer? Sobre a questão, seguem ligeiras anotações.

Após discorrer sobre uma série de fenômenos psíquicos observados, Freud (1920/1996a) passa a questionar o papel desempenhado pelo princípio do prazer. Percebe, nessas circunstâncias – fenômenos transferenciais, brincadeiras infantis e sonhos traumáticos nos adultos –, a presença de uma “[...] perpétua recorrência da mesma coisa” (FREUD, 1920/1996a, p. 33), ou seja, uma compulsão (*Wiederholungszwang*) à repetição de cenas que em nada representavam prazer, indicando que o princípio do prazer não regia, soberanamente, o funcionamento psíquico. Observa que essa compulsão se trata de “[...] algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional que o princípio do prazer que ela domina” (FREUD, 1920/1996a, p. 34). Assim, chega ao fim a soberania do princípio do prazer; sob a pressão de uma compulsão, as situações indesejadas e as emoções dolorosas são repetidas. É nessa trilha que Freud estabelece a existência de uma pulsão de morte em contraposição à pulsão de vida. Vale salientar que a essa força pulsional (com-pulsão a repetir), designada por Freud como demoníaca (*dämonischen*), passaram a convergir importantes conceitos psicanalíticos.

Lacan, por sua vez, embora não tenha se ocupado de um *Seminário*<sup>1</sup> sobre a repetição, abordou-a inúmeras vezes ao longo da sua

---

<sup>1</sup>Lacan privilegiou a forma oral de transmissão da psicanálise, por meio do dispositivo conhecido como *Seminário*. Tais pronunciamentos foram

teoria, estabelecendo-a como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, juntamente com o inconsciente, a pulsão e a transferência. Dentre essas inúmeras abordagens, onde as noções de circuito pulsional e gozo se entrelaçam, em *O Seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, evoca Aristóteles e sua noção de causa accidental, tomando emprestado de seu vocabulário dois termos para pensar a repetição: autômaton e tiquê. O primeiro é definido por Lacan (1964/1988c) como a rede de significantes<sup>2</sup> que, como tal, se repete; o segundo é traduzido como *encontro do real* e remete-nos a um encontro faltoso, para além e por detrás do autômaton, dos signos e da fantasia inconsciente. Aqui, é o retorno da falta que caracteriza a repetição.

Para além dos pontos anotados até o momento, um importante aspecto relativo à repetição há que ser destacado ainda neste preâmbulo: o caráter referente ao fracasso inevitavelmente presente no movimento. Nesse sentido, lembramos que, embora Freud (1920/1996a) já afirmasse a compulsão à repetição atrelada ao recalçado, é com Lacan que essa noção se cristaliza. Sob a lógica da insistência significativa, antes aludida, que ocorre por efeito do recalque, o que se repete, repete-se sempre de modo diferenciado, pressupondo, assim, a perda de algo nesse processo. Essa noção reporta-nos a recorrente busca do sujeito pelo objeto primordial do desejo, também perdido desde sempre. Nessa linha, podemos pensar, com Lacan, que aquilo que a repetição vem representar é o fracasso da tentativa de reencontrar o objeto desde sempre perdido. Essa ideia é revisitada por Harari (1988, p. 44), em *La Repetición del Fracaso*:

Un concepto lateralizante desde el que cabe iniciar este apartado es el de retorno de lo reprimido. En efecto, el rasgo de reiteración insabida (interdicta) de una certa mismidad diferencial, substitutiva – y no de una identidad –, en el decurso vital de un ser hablante, liga estrechamente el referido concepto [de retorno do reprimido] con el de repetición.<sup>3</sup>

---

transformados em livros e consistem nas fontes consultadas pela autora na construção deste texto, no tocante às noções do mestre francês.

<sup>2</sup> Essa rede, também designada de cadeia, é a sequência na organização significativa. Lembrando que o significante é o que representa o sujeito para outro significante (LACAN, 1998g).

<sup>3</sup>Um conceito lateralizante a partir do qual se pode iniciar este aparte é o do retorno do reprimido. Com efeito, o traço de uma reiteração insabida de uma

O aludido fracasso (que é repetido) é, portanto, o fracasso do recalque. Sendo assim, podemos conjecturar que “[...] o significante que nos abate com requinte avassalador é aquele que, de alguma forma demonstrou mais força – ou perspicácia – do que o recalque” (MEDEIROS, 2001, p. 1).

Abordaremos, também em momento oportuno, a repetição atrelada ao objeto perdido, ou seja, à noção freudiana de *das Ding*: Coisa para sempre perdida. O conceito lacaniano de objeto *a*, que igualmente remete à perda de algo na história de cada sujeito, será tratado na mesma oportunidade.

Retomando a articulação repetição/transferência, é em *O Seminário – Livro II* que Lacan adverte que, em análise, a repetição aparece sempre obscurecida em função da identificação com a transferência na conceitualização dos psicanalistas (LACAN, 1964/1988c). Encaminhamos à conclusão, momentaneamente, com tais palavras de Lacan, que ratificam a problemática em torno da questão, incitando-nos o estudo, a partir da seguinte pergunta: *Quais as possíveis conjunções e disjunções entre os conceitos psicanalíticos de Repetição e Transferência?*

No tocante aos termos conjunção e disjunção, devem-se à consonância com a construção lacaniana dos matemas, via escolhida por Lacan que permite uma transmissão racional de alguns pontos teórico-clínicos. O matema, expressão advinda da matemática, postula universais, ordenando elementos mínimos, compostos de sinais e letras, visando também à possibilidade de traduzi-los para qualquer idioma (TOLEDO, 2003).

A expressão “conjunção” ou operador “e”, também chamado pela denominação latina “et”, é utilizada para designar um operador lógico em lógica matemática. É relacionada à operação de interseção de conjuntos numéricos, tecnicamente representada pelo símbolo “ $\wedge$ ”. A “disjunção” também é uma operação utilizada na lógica matemática e seu símbolo, que é “ $\vee$ ”, pode ser sintetizado como um símbolo que diferencia dois operandos lógicos.

---

certa mesmice diferencial e substitutiva – e não de uma identidade – no percurso da vida de um ser falante, liga estreitamente o referido conceito (de retorno do reprimido) com o de repetição (HARARI, 1988, p. 44, tradução nossa).

Dentre os matemas, o mais conhecido é o matema do fantasma, assim representado:  $\$ \Delta a$ .

No que tange à justificativa deste estudo, notamos que muitos caminhos poderiam sustentá-la, no entanto, algo que perpassa todos eles é a noção de ética. Situamo-la, no tocante à relevância, portanto, neste campo: campo da ética. Matéria, aliás, estimada pela psicanálise.

A ética da psicanálise aponta no sentido de uma reflexão sobre a clínica. Em outras palavras, “[...] a psicanálise é uma práxis e a teorização que um analista pode fazer é dar conta de sua clínica [...]” (REMOR, 2009). Nessa linha, a ética permeia a reflexão, a elaboração e a possibilidade de circulação de novos discursos acerca de temas caros à clínica psicanalítica. Lembramos, por oportuno, a já citada referência freudiana segundo a qual a transferência “[...] é o mais poderoso instrumento terapêutico” (FREUD, 1920/1996a, p. 264). A repetição, por sua vez, é a forma como o paciente conduz a sua existência e se refere às marcas que o constituem psiquicamente. Esse mecanismo torna-se presente na clínica por meio da transferência que, embora não se confunda com a repetição, deverá ser escutada e manejada pelo analista. Nesse sentido, para além da elucidação dos fenômenos em questão, a posição do analista também poderá ser evidenciada, especialmente quando discutirmos a possível repetição em transferência.

Corroborando, lembramos que Freud, ao teorizar sobre os sofrimentos dos sujeitos, não visava descrevê-los apenas, mas sim encontrar formas de minimizá-los por meio da análise. Nesse sentido, interessa-nos examinar a repetição que pode se estabelecer em transferência, visto ser nesse contexto onde a psicanálise poderá atuar no sentido da diminuição do sofrimento do analisante, o que, como sabemos, não se confunde em hipótese alguma com quaisquer possibilidades de “cura” do seu mal-estar, visto não haver cura possível para a condição de sujeito do ser falante.

Há, no entanto, outro viés para elucidarmos a ética neste estudo. Em *O Seminário – livro 7: A ética da psicanálise*, Lacan (1959-60/1988b, p. 373) define a ética como, fundamentalmente, “um juízo sobre nossa ação [...]” e escolhe como padrão de revisão ética a que a psicanálise nos leva, a relação da “[...] ação com o desejo que a habita” (p. 375). Assim, não havendo juízo ético sem desejo, Lacan questiona: “Agiste conforme o desejo que te habita?” (p. 376). Nesse sentido, considerando o atravessamento do desejo nessas linhas, pensamos o presente estudo como um movimento, entre tantos outros, em torno

dessa pergunta, lembrando que a ética da psicanálise – uma ética do desejo – encontra a sua possibilidade pela via do desejo do analista.<sup>4</sup>

A justificativa deste estudo pela via da ética, portanto, decorre do fato de os princípios norteadores da pesquisa em psicanálise não diferirem daqueles presentes no exercício clínico. Sendo assim, a pesquisa igualmente será conduzida a partir da inclusão do desejo do pesquisador na constituição do enigma que busca desvelar através do seu trabalho. A essa inclusão do desejo chamamos transferência, entendida como sendo o fundamento de todo o trabalho de pesquisa em psicanálise (POLI, 2005).

Por fim, acrescentamos, com Andrade Junior (2008), que, do mesmo modo como Lacan demonstrou imprecisões – imprecisões próprias à psicanálise – no decorrer da formalização do seu ensino, relativamente a alguns de seus objetos de investigação, teremos nós que nos haver com a dificuldade em trabalhar conceitos que resistem à significação, como é o caso da pulsão. Na impossibilidade de definições precisas, contornaremos esse, assim como os demais conceitos, pelos seus efeitos no simbólico.

A partir desta introdução, a composição da pesquisa assim segue: Objetivos; Método; Aproximações Teóricas, onde, em um primeiro momento, serão aduzidas notas sobre Freud e Lacan, situando, dessa forma, o fundamento teórico deste texto e, em seguida, os conceitos mestres da pesquisa – transferência e repetição – e abarcando o exame de outras noções reveladas importantes no percurso; Algumas Palavras em Conclusão, momento em que retomaremos os três objetivos específicos elencados no capítulo seguinte; Referências.

---

<sup>4</sup>Trata-se do conceito que demarca a função do analista dentro da teoria lacaniana sobre o *objeto causa de desejo*, desenvolvido por Lacan em *O Seminário – livro 7*. A função em tela é a de fazer semblante de *objeto causa de desejo* do analisante [objeto *a*]. Esta função pode ser pensada como um lugar ocupado pelo analista, onde o seu desejo enquanto sujeito não opera. Segundo Rabinovich (2000, p. 14-15, grifo nosso), o psicanalista “[...] deve-se oferecer vazio para que o desejo do paciente – o desejo como objeto, o desejo do Outro – se realize [...] através desse instrumento [...] que é o analista enquanto tal”. O Desejo do Analista, definido como um vazio, como um lugar onde algo poderá se instalar, morar, torna evidente que o que se deve instalar ali, na prática da psicanálise, é o desejo do paciente como **desejo do seu Outro**, o da historicidade própria do paciente, o das circunstâncias próprias de sua vida.



## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar articulações entre os conceitos psicanalíticos de repetição e transferência, buscando estabelecer possíveis conjunções e disjunções.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) investigar o conceito de transferência na teoria psicanalítica;
- b) caracterizar o conceito de repetição na teoria psicanalítica;
- c) examinar possíveis conjunções e entre os conceitos estudados;
- d) examinar disjunções entre os conceitos estudados;
- e) discutir a possível repetição que se produz na transferência.



### 3 MÉTODO

*Em psicanálise você não estuda e aprende. Em psicanálise você estuda, pensa, questiona e transmite. E sua quota de quase-saber vem daí. Daquilo que você ensinando, transmite a partir de um saber não sabido.*

Eduardo Leal

A designação “Método”, quesito das pesquisas acadêmicas, como sabemos, refere-se ao método científico, deixando implícita a ideia (exigência) de que o autor demonstrará, neste item, a cientificidade do percurso a ser empreendido no sentido de alcançar o conhecimento visado. A discussão sobre o método nas pesquisas psicanalíticas, por seu turno, requer uma reflexão epistemológica acerca do saber em questão na psicanálise, visto que se sustenta em bases diversas daquelas do modelo epistemológico vigente. Tanto é assim que há certa ambiguidade no tocante ao estatuto científico, teórico e de pesquisa em psicanálise, especialmente se considerarmos o modelo neopositivista e empirista que rege a construção do conhecimento em psicologia no mundo (REMOR, 2002).

Como sabemos, o objetivo último da epistemologia tradicional é a proferição da “verdade” sobre um objeto bem delimitado, a partir da observação e da experimentação. Tal epistemologia refere-se ao saber correlativo à ciência clássica, cujo sujeito cognoscente é aquele “capaz de apropriar-se de todas as regras do conhecimento” (PRADO FILHO, 2006, p. 20). Num sentido oposto a esse, desponta a construção de um saber ou a leitura sobre um fenômeno feita em bases psicanalíticas. Vejamos.

Embora o sujeito sobre o qual opera a psicanálise seja o sujeito da ciência, visto o surgimento da psicanálise no ocaso da era cientificista, o seu saber contesta justamente aquilo que o saber exclui do seu universo para constituir-se como ciência (CABAS, 2009). Contesta, portanto, a exclusão do sujeito. Nessa linha, por meio da sua prática, que é prática da palavra, inaugura um discurso onde esse fator – sujeito – é introduzido especialmente pelo mecanismo da associação livre, que, por sua vez, legitima a sanção simbólica sobre algo que fica fora de todos os demais discursos: a besteira em meio do palavrório. É aí que alguma verdade semidizer-se-á (HARARI, 1988).

A inversão do *cogito* cartesiano, proposta por Lacan, é bem conhecida e proveitosa para diferenciar a verdade em cena na

psicanálise da verdade da ciência. Em Descartes, o conhecimento deve ser estabelecido sobre bases sólidas, certas. Para tanto, há, primeiro, que se duvidar de tudo aquilo que possa enganar o juízo e, segundo, empreender um exame rigoroso acerca da verdade até então estabelecida. É seguindo essa trilha que o filósofo constata: “Eu duvido, eu penso, logo existo”. A mesma afirmativa pode também ser articulada da seguinte forma: “Eu duvido, logo eu sou” (NASCIMENTO, 2008).

Pela inversão do *cogito* cartesiano, Lacan chega a uma fórmula negativa: “Penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1964/1988c). Segundo Lojonquiére (1994, p. 62), esse sujeito é aquele que se depara com o seguinte dilema: “[...] não sou aí onde sou o brinquedo de meu pensamento; penso no que sou aí onde não penso pensar [...]”. Nesse sentido, são as certezas imaginárias que aparecem no exercício da introspecção psicológica, sendo o sujeito, no campo do pensar, ausente.

A verdade da psicanálise, portanto, é de outra ordem. Lacan, a partir de Freud, “inscreveu o campo da verdade no registro do inconsciente e, conseqüentemente, do sujeito” (BIRMAN, 2010, p. 194). Sujeito dividido, barrado, e, por isso mesmo, incapaz de conhecer “a verdade” sobre ele ou sobre os objetos por ele conhecidos. É a partir dessa noção que a psicanálise questiona o sujeito da ciência ao mesmo tempo em que admite, como antes referido, que o “seu” sujeito começou a existir com Descartes.

Outro ponto suscitado pelas questões de método é a transmissão da psicanálise. Embora se diga que sua transmissão é no divã, o que é iniludível, a teorização é uma forma de falar da experiência psicanalítica e assim possibilitar espaços de interlocução entre analistas (BIRMAN, 1992). Tanto lá (no divã), quanto aqui (na teorização), não há o estabelecimento da forma referencial do conceito de ensino/aprendizagem. Ou seja, em ambos se trata de uma transmissão daquele que “não sabe” para outro que também não sabe (REMOR, 2002).

A discussão em torno da verdade, do saber e da transmissão em psicanálise é incontestavelmente profícua, porém, nos deteremos visto que o exposto até o momento nos permite entrever o abismo entre a epistemologia que sustenta um saber no campo da psicanálise e aquela empreendida por outros saberes.

São oportunas as reflexões de Garcia-Roza (1991) acerca das pesquisas acadêmicas em psicanálise, ou seja, da epistemologia possível nesse campo. O autor, no ensaio intitulado *Pesquisas Acadêmicas em Psicanálise*, defende que este tipo de pesquisa no âmbito da

universidade trata-se de uma releitura dos textos freudianos e lacanianos, procedimento que, distante de um redobramento especular ou da reprodução monótona de seus conteúdos literais, presta-se a produzir, a partir deles, um discurso. O que se coloca em cena no trabalho acadêmico em psicanálise, portanto, é o mesmo dispositivo presente na prática clínica: o dispositivo discursivo cuja característica precípua é a de “[...] fazer furo nos discursos constituídos” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 120). É a presença desse dispositivo furante, ou que aponta para o furo, que faz do discurso psicanalítico um discurso *psicanalítico* (GARCIA-ROZA, 1991).

O material teórico relativo aos conceitos a serem estudados – repetição e transferência – encontram-se no arcabouço teórico da teoria psicanalítica a partir de Freud, alcançando os discursos de alguns de seus leitores, pesquisadores psicanalistas. No que concerne à obra lacianiana, nos referimos a esta em alguns momentos, buscando escandir pontos, a partir dos seminários e escritos, que nos auxiliassem na articulação dos temas, não configurando objetivo desta pesquisa a arqueologia dos conceitos na obra de Lacan.

Seguindo os ensinamentos de Garcia-Roza (1991), estruturaremos a pesquisa a partir da releitura dos textos no que tange aos temas propostos, buscando aprofundar questões e estabelecendo, pelas novas articulações, um novo discurso.

Os seguintes textos são objeto de investigação na pesquisa: *Recordar, repetir e elaborar* (1914); *O Estranho* (1919) e *Além do Princípio do Prazer* (1920). Além destes, colacionamos algumas noções lacanianas estabelecidas especialmente em seminários, tais como: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise – Seminário 2*; *A Angústia – Seminário 10*; *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – Seminário 11*.



## 4 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Neste momento da pesquisa, pretendemos, primeiramente, possibilitar uma aproximação entre o leitor e a fundamentação teórica, em sua acepção mais ampla, que sustenta o texto. Nesse sentido, aduziremos notas acerca das obras freudiana e lacanianiana, o que nos permitirá apresentar e discutir brevemente o objeto da psicanálise. Tal aproximação parece-nos importante para a elucidação da problemática envolvida neste texto. Em um segundo momento, neste capítulo, aprofundaremos os temas mestres – transferência e repetição – a fim de possibilitar a discussão sobre a questão central do estudo: suas conjunções e disjunções.

### 4.1 FREUD E A PSICANÁLISE

*Às vezes algo dentro de mim me empurra a uma síntese, mas eu resisto.*

Freud

Carta a W. Fliess de 16 de abril de 1900

O homem, segundo Freud, no decorrer da modernidade, sofreu três golpes desferidos na bela imagem de si com a qual viveu encantado durante séculos. O primeiro deles, o “golpe cosmológico” (FREUD, 1917/1996f, p. 149), infligido por Copérnico, refere-se à perda da ilusão de estar no centro do cosmos, ocupando o papel principal na peça universal. O segundo atinge sua crença relativa ao fato de ser possuidor de uma alma imortal, “[...] uma ascendência divina que lhe permitia romper o laço de comunidade com o reino animal” (p. 150). Tal condição caiu por terra com o evolucionismo de Darwin, trazendo à luz o fato da descendência humana a partir dos primatas (FREUD, 1917/1996f). O terceiro e último golpe, que “talvez represente o maior deles” (p. 152), foi consequência da psicanálise:

[...] você está equivocado também em um outro ponto importante. Sente-se seguro de que está informado de tudo o que se passa em sua mente, se tem qualquer importância, porque nesse caso, crê você, sua consciência dá-lhe notícia disso. E se você não tem informação de algo que ocorre em sua mente, presume, confiante, que tal coisa não existe. Na verdade, você chega a considerar o que é “mental” como idêntico ao que é

“consciente” - isto é, aquilo que é conhecido por você -, apesar da mais óbvia evidência de que muito mais coisas devem acontecer em sua mente, do que aquelas que chegam à sua consciência. Vamos, deixe que lhe ensinemos algo sobre esse problema! O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas.

O golpe, ou a “ferida” freudiana, representa um descentramento da razão e da consciência do lugar sagrado onde se encontravam. A consciência torna-se um mero efeito de superfície do inconsciente, operando uma inversão do cartesianismo (GARCIA-ROZA, 2005). Sobre essa inversão, algumas palavras foram apresentadas anteriormente neste texto, entretantes, cabe salientar que os seus efeitos apontam para o rompimento com o saber existente até então, produzindo um novo lugar de saber. Aliás, “Epistemologicamente ela [a psicanálise] não se encontra em continuidade com saber algum, apesar de arqueologicamente estar ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX” (GARCIA-ROZA, 2005, p. 22).

Sobre a repercussão da descoberta freudiana nos meios intelectuais e científicos do seu século, observa Cabas (2009, p. 26-27):

[...] ao longo do século XX, críticos e pensadores das mais variadas orientações debruçaram-se sobre a estrutura do saber e a dimensão da verdade exposta pelo conjunto da obra freudiana. Dessa maneira, acabaram por desnudar as formas – por vezes barrocas – da arquitetura da razão e o cálculo de engenharia estrutural – com suas complexas linhas de força – que subentende o seu esquema conceitual de base.

O mesmo autor lembra que o conceito de inconsciente, e a ruptura que essa noção significou, repercutiu não apenas no contexto médico e psiquiátrico, mas também no meio filosófico contemporâneo, uma vez que tal descoberta permitiu maior clareza sobre fenômenos há tanto tempo inexplicados. T tamanha repercussão não se limitou àquela contemporaneidade. Gerações mais distantes tomam o inconsciente freudiano como um legado, cujos efeitos são sentidos tanto nas

concepções filosóficas, como nas considerações clínicas (CANGUILHEM, 1988, citado por CABAS, 2009).

Os argumentos freudianos foram, desse modo, objeto de interesse e instrumento de trabalho de escritores, literatos, pensadores e epistemólogos. Os antropólogos, por sua vez, estudaram profundamente a função do mito na obra freudiana, incluindo no seu trabalho a hipótese forjada pela própria psicanálise para falar acerca da origem do laço social: o mito da horda primitiva (CABAS, 2009). Como salienta Cabas (2009, p. 27), “uma hipótese de estrita inspiração analítica amparada em uma observação de Darwin e desenvolvida com o intuito de situar a função do pai no conjunto das operações simbólicas que levam à instauração da lei”, cuja raiz se assenta na proibição do incesto.

Fundamentalmente, a descoberta freudiana faz desalojar a consciência do lugar central, demonstrando que “os processos de pensamento inconscientes se produzem à margem da consciência e dela independem [...]. O sujeito é [...] carente de um centro ordenador [...]” (BARATTO, 2009, p. 76), sendo, em última análise, dividido. Aqui cabe uma nota: o sujeito é dividido na medida em que a sua “parte” consciente se estabelece à custa de um desconhecimento da sua outra “parte”, que é inconsciente. Esta, por seu turno, possui desejos que se manifestam independentemente e à revelia daquela<sup>5</sup>. É importante relevar, contudo, que Freud não delegou ao inconsciente a causa de toda a intencionalidade, conseqüentemente, não prescindiu do sujeito cartesiano (“penso, logo sou”), mas sim, utilizando o termo lacaniano, o subverteu na medida em que o “descobriu” não todo consciente.

Todavia, mesmo não abdicando do sujeito cartesiano, a psicanálise introduz um corte com o que constituía até então o centro da reflexão filosófica, modificando tanto a concepção de mundo quanto a de homem (MASCARELLO, 2006). A mesma autora adverte que esse caráter de ruptura subversiva fez com que se agregasse à psicanálise um significante pleno de sentido: peste. Lembra, nessa linha, que “[...] lendo a ficção de Camus, pode-se experimentar a virulência do que ela (a peste) implica e, por outro lado, lendo Foucault, pode-se verificar historicamente a intensidade da segregação provocada pela reação ante a epidemia desencadeada por essa afecção” (MASCARELLO, 2006, p. 2).

---

<sup>5</sup>É por essa razão que, ao contrário do que se escuta em diversas oportunidades sobre a psicanálise, ela não declina acerca da responsabilização do analisante por aquilo que faz em nome dessa “parte” inconsciente. Ao contrário disso, sustenta que os pensamentos inconscientes assim o são por terem sido afastados da consciência pelo próprio sujeito. Daí a sua responsabilidade.

Frente à desordem inexorável, o corpo social responde com a ordem, prescrevendo a cada qual o seu lugar, a cada qual seu corpo, sua morte, seu bem (FOUCAULT, 1976, citado por MASCARELLO, 2006).

Diante disso, segundo Mascarello (2006), poderíamos contrapor a ideia de que a psicanálise enquanto peste é somente uma metáfora, tendo pouco ou nada que a remeta ao real assim circunscrito. E tal contraponto carrega alguma verdade, se pensarmos em determinado contexto onde se pode dizer que

[...] a peste freudiana sofreu uma torção: em lugar da desordem surge o dispositivo disciplinador e em lugar da segregação, a aceitação sob condições. O élan freudiano inicial foi se transformando em uma doutrina “lavada”, destituída de seu caráter de corte (MASCARELLO, 2006, p. 2).

A autora se refere ao fato da criação de uma instituição única, que, como bem caracteriza Hector Rúpulo, configurou-se como uma divergente torre de Babel, onde “tudo valia, desde que não se atacasse a hierarquização dos lugares e a ritualização da prática [psicanalítica]” (RÚPULO, 2001, citado por MASCARELLO, 2006). Nessa situação, não havia, até certo ponto, avanços no tocante às questões deixadas em aberto por Freud. Aliás, o que havia era certo relativismo na leitura e interpretação de seus ensinamentos. Este é o sentido do comentário de Mascarello (2006) acerca da destituição do caráter de corte inerente ao discurso freudiano. Sobre esse fato, aponta Cottet (1982, p. 11): “Relativizar Freud, tirando o gume de seu descobrimento, é uma tendência atual que, a nosso entender obtém sua consistência pelo fato de uma pergunta não ter sido feita à psicanálise”. A pergunta em questão refere-se ao desejo de Freud e à origem da psicanálise. Porém, continua Cottet (1982, p. 11), “aprendemos, graças a Lacan, a ler Freud de tal maneira que devemos aplicar a sua obra os mesmos princípios que ela preconiza e as regras de interpretação que explicita”. Eis o ponto que cabe, por fim, salientar: é verdade que houve, durante algum tempo, certa estagnação acerca das questões deixadas em aberto por Freud, embora isso não signifique, como vimos, a ausência de estudos aprofundados acerca de temas psicanalíticos efetuados pelos mais diferentes vieses de conhecimento. Todavia, por volta de 1950, um estudo dos ensinamentos freudianos começa a ser empreendido de modo diverso, de maneira a evidenciar a virulência do pensamento freudiano e

a radicalidade de suas palavras até então “sufocadas” em certa medida. Lacan retorna à Freud.

## 4.2 LACAN E A PSICANÁLISE

*É evidente, sem dúvida, que não se trata do fenômeno Lacan. Se aceitei esse desafio é porque admito que há efeitos lacanianos.*

Lacan  
O Fenômeno Lacaniano

Embora este texto se desenvolva fundamentalmente em bases freudianas, aventuramo-nos, em alguns momentos, na aproximação do pensamento lacaniano para elucidar a questão central da pesquisa. Por essa razão, e também por uma questão de ordem, que é pessoal, colacionamos a seguir aspectos da obra do mestre francês.

Lacan ocupa um lugar de rara singularidade na história da psicanálise e da cultura. Contemporâneo de um freudismo moderado, adaptado à democracia e distante da violência de suas origens, introduz, no âmago dessa moderação, a subversão, a desordem e a peste (ROUDINESCO, 1994), modificando o rumo da psicanálise pela fundação de um novo discurso, cuja eficácia aponta para o real (COIMBRA, 2007).

Jacques-Marie Emile Lacan, médico, psiquiatra, parece ter revelado sua primeira aproximação com a psicanálise em 1932, com a tese *A Psicose Paranóica e suas Relações com a Personalidade*. Tornou-se, posteriormente, membro da *Société Française de Psycanalyse, SFP*, por sua vez, filiada à *International Psychoanalytical Association, IPA*. Lacan teve uma série de problemas com essas instituições, visto não obedecer aos padrões e regras por estas exigidas (ROUDINESCO, 1994). Esse fato resta melhor esclarecido por meio de uma leitura do que se designou como “retorno a Freud”, de Lacan. Vejamos.

A referida proposição – retorno à Freud – estabelecida pelo próprio Lacan no Informe do Congresso de Roma<sup>6</sup> de setembro de 1953,

---

<sup>6</sup>O título original desse *Informe*, também referido como *Discurso de Roma* é: *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Trata-se de um texto produzido por Lacan em 1953, onde ele defende a tese, característica do pensamento lacaniano da década de 50, que se opõe radicalmente tanto à teoria quanto à técnica da doutrina clássica, abrindo o caminho para uma nova legibilidade da psicanálise.

e tão amplamente evidenciada no meio psicanalítico, remete-nos, primeiramente, ao fato de que Lacan trabalhou sob o “terreno” freudiano ou *campo freudiano*, tanto no tocante às elucidações teóricas quanto às implicações práticas (DOR, 1989). Nesse sentido, a “arquitetura teórica” (DOR, 1989, p. 11) de Lacan é estruturada na referência freudiana. Para o mesmo autor, essa alusão a Freud se refere “a um certo modo de apreensão e de intelecção do inconsciente [...] um certo tipo de prática codificada em relação a um princípio de investigação [...]”. Em outras palavras, a referência tem por fim situar, sem equívoco, “o que é da ordem de uma prática autenticamente psicanalítica em relação a outros procedimentos de investigação do inconsciente que, embora se arvoreem em psicanalíticos, parecem ter perdido completamente este sentido” (DOR, 1989, p. 11).

Lacan foi implacavelmente crítico, repetindo algumas vezes ao longo dos seus *Escritos*, por exemplo, em *Situation de la psychanalyse en 1956*, que a teoria e a prática fundadas por Freud haviam sido desvirtuadas pelos seus seguidores. Esse caminho de volta – sentido da palavra retorno<sup>7</sup> – teve como propósito, portanto, denunciar o rompimento (apregoadado reiteradas vezes por Lacan) com toda a relação entre inconsciente e linguagem, estabelecido por algumas práticas “de inspiração” analítica que revelavam o total desconhecimento de uma das noções fundamentais da psicanálise: a palavra e a rede de relações que por meio dela se organiza a partir do significante e do significado, que uma vez distintos não se recobrem (DOR, 1989).

A investigação (freudiana) do inconsciente retomada por Lacan, nesse sentido,

[...] está marcada desde o início, por uma certa inscrição psíquica que faz com que estejamos seguros de que não se trata de uma entidade abstrata ou metafísica, e que tampouco nos remete ao registro de uma entidade biológica ou de algum substrato psíquico mensurável, quantificável. Os processos psíquicos inconscientes circunscritos por Freud encontram-se, no princípio mesmo de sua descoberta, submetidos à dimensão da linguagem e aos pontos de apoio nos quais esta

---

<sup>7</sup>A discordância por parte da *Société Française de Psychanalyse*, em 1953, desse retorno a Freud empreendido por Lacan, culmina na sua expulsão da Instituição. Trata-se da primeira cisão do movimento psicanalítico francês (DOR, 1989).

dimensão se sustenta através da transferência (DOR, 1992, p. 11).

Os dois polos, portanto, que delimitam o campo freudiano – linguagem e transferência – marcam fortemente as construções lacanianas em torno da teoria psicanalítica. No tocante à transferência, Dor (1989) lembra-nos que se trata de um fenômeno universal presente nas relações cotidianas, ou seja, sempre que um sujeito se dirige a outro (LACAN, 1953-54/1981). O autor esclarece-nos, por essa via, que aquilo que distingue radicalmente a psicanálise inaugurada por Freud de outras práticas que por vezes a evocam é “o destino que será reservado à dimensão da transferência” (DOR, 1989, p. 12). A prática analítica implica a neutralização de quaisquer tentativas de manipulação da transferência, procedimento que costuma marcar muitos dos encontros com objetivos supostamente terapêuticos. A investigação do inconsciente, que o próprio paciente é convocado a fazer, é uma análise da transferência estabelecida com o seu analista, sem manipulação por parte deste (DOR, 1989).

Abarcando o outro polo da delimitação do campo freudiano, a linguagem, uma proposição parece encarnar o sentido dessa retomada de Freud por Lacan: “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1953-54/1981, p. 135). Dito de forma simplificada, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Trata-se de uma fórmula, reproduzida inúmeras vezes em seminários e textos lacanianos. O próprio Lacan (2001, p. 223) observa que essa fórmula é um “pleonasma necessário para me fazer entender, visto que a linguagem é a estrutura”, podendo remanescer simplesmente “o inconsciente é estruturado”.

Sem a pretensão de estabelecer noções aprofundadas acerca do estruturalismo, vale salientar que se trata de um movimento que, preocupado sobretudo em buscar um modelo capaz de explicar o maior número possível de aspectos de um fenômeno, tem como sustentação, fundamentalmente, as seguintes noções: a de conjunto, cujos elementos unidos em um conjunto devem ser considerados diferentemente da soma de suas partes; a de relação entre esses elementos; e a de modelo explicativo de lógica de organização dos mesmos. (FELIZOLA, 2000). Para o mesmo autor,

O movimento estruturalista foi exatamente esse momento, onde as ciências humanas procuraram encontrar sua formalização. As relações sociais

passaram a apresentar um modelo de construção que, além de revelar a organização, mostrava que este apresentava uma lógica interna subjacente ao real. A sociedade humana passava a ser vista de forma a evidenciar o código, a regra e a estrutura. Fazia-se necessário criar um novo método para abordar as sociedades e o homem. O inconsciente, as sociedades primitivas e tudo o que havia sido recalcado da história ocidental encontrou lugar no movimento que buscava a gramática do pensamento humano (FELIZOLA, 2000, p. 8-9).

A posição estruturalista abriu horizontes novos no âmbito das ciências humanas e exatas, visto evidenciar sistemas de relações entre elementos e objetos que não aparecem imediatamente entre eles (DOR, 1989). O primeiro efeito disso é o desvio de um determinado modo de relação com o objeto. Trata-se de “[...] renunciar a um certo tipo de descrição da natureza dos objetos, de suas qualidades, de suas propriedades específicas”, possibilitando, desse modo, que advenham relações encobertas entre eles (os objetos) ou entre seus elementos (DOR, 1989).

Importante salientar, com Dor (1989), que a noção de estrutura só tem importância na obra lacaniana na medida em que ela é sempre referenciada à estrutura da linguagem, à qual o inconsciente deve ser relacionado. No tocante a essa estrutura (da linguagem), a perspectiva epistemológica apresentada pela linguística de Ferdinand de Saussure serviu a Lacan como base inaugural de suas construções. É no texto *A instância da Letra* (1957), onde refere que o domínio da cultura só é concebível pelas “permutações autorizadas pela linguagem”, que Lacan especifica os pontos nos quais a sua concepção de linguagem encontrou inspiração na linguística saussuriana.

Lacan confere a Saussure a constituição do “algoritmo” que funda a linguística como ciência. O “algoritmo” Saussuriano é S/s (significado sobre significante). Vamos encontrar no *Curso de Linguística Geral* a seguinte definição “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1995, p. 80). Lacan, apesar de se servir desse esquema, modifica-o consideravelmente. Ao invés da correspondência entre uma imagem acústica e um significado (conceito), explicação de Saussure acerca do fenômeno da significação, Lacan sustenta que tal fenômeno está atrelado à sequência ou cadeia significante.

Oportuno salientar que uma série de autores sustenta que Freud já concebia o inconsciente em termos de linguagem, muito embora não contasse com os recursos da Linguística, tal como dispunha Lacan. Assim, para tais autores, o que fez o mestre francês foi utilizar as ferramentas teóricas tomadas de Saussure para aprofundar a concepção freudiana. Entrementes, vale salientar que encontramos alguns pontos teóricos em Lacan que, para além de um aprofundamento, se tratam, claramente, de avanços–invenções, como costumamos designar. Nesse sentido, é pertinente citar Mascarello (2006, p. 3), quando refere que “Os significantes freudianos não alcançaram definir noções que constituem a práxis lacaniana”. Dentre estes, os seguintes são fundamentais e sobre os quais não é possível ceder: o estatuto do objeto *a* e seu lugar na constituição do fantasma e os avanços em relação a dois objetos pulsionais: olhar e voz; a tripartição dos registros da experiência em Real, Simbólico e Imaginário, situando assim os fenômenos do suceder analítico, destacando primeiramente a primazia do Simbólico, depois, dando relevo ao Real; as questões referentes à formação do analista e o autorizar-se, que se relacionam ao tempo lógico e às críticas ao modelo burocrático de análise, contrapondo a conhecida posição lacaniana segundo a qual a análise haverá sido didática se produziu um analista, seja de profissão ou não; a teorização – que restou aberta em Freud – referente à feminilidade e às condições e estatuto do gozo feminino; a questão do pai, que se estende a partir de onde foi deixado por Freud no mito do *Totem e tabu* e no mito do Édipo, alargando seus limites para além do assassinato do pai, sublinhando a castração, mais que os mitos; ainda no tocante à função do pai, Lacan não se detém na questão de salvar o pai ou ainda na culpa por ir além dele, mas se trata de ir além, sabendo fazer outra coisa com o Nome-do-pai, servindo-se deste; as especificações sobre os gozos; a introdução de conceitos que se inscrevem como fórmulas lógicas ou matemáticas ou figuras topológicas, produzindo algo inédito na psicanálise que é a escritura; e, finalmente, o ponto relativo à linguagem, já comentado, que recebeu diferentes teorizações em distintos períodos de sua obra e avançou no período final de seu ensino permitindo renovar a práxis ao reformular o conceito de inconsciente, partindo de outra noção de linguagem (MASCARELLO, 2006).

Embora precipitadamente, ousamos afirmar, a partir das leituras até aqui realizadas, que sobre o conceito de repetição também houve avanços em Lacan. Na obra freudiana, os conceitos de repetição e transferência são, com exceção da obra de 1920, *Além do Princípio do Prazer*, abordados conjuntamente e relacionados. No estudo lacaniano,

são apresentados em separado desde o início, o que parece ter possibilitado uma construção diversa daquela preconizada por Freud.

No que tange à transmissão da psicanálise, Lacan privilegiou a forma oral, por meio do dispositivo conhecido como *Seminário*. Aqueles que não estiveram presentes em seus *Seminários* podem ter acesso a algumas das transcrições de seus conteúdos. Sabemos dos efeitos disto: grande parte de seus ensinamentos continuam inéditos ou em edições não autorizadas pelo herdeiro jurídico das transcrições.

Feitas as considerações, salientamos que nos interessam alguns pontos da leitura de Freud feita por Lacan, assim como alguns avanços do mestre francês acerca dos conceitos freudianos de transferência e repetição.

A seguir, as aproximações que interessam à pesquisa, fundamentalmente.

#### 4.3 TRANSFERÊNCIA

*Curiosamente, a paciente volta a ser enganada todas as vezes que isso se repete.*

Freud (1895/1996, p. 324)

*O saber que só se revela no engano do sujeito, qual pode realmente ser o sujeito que o sabe de antemão?*

Lacan (2003, p. 337)

Consoante nota aduzida na introdução da pesquisa, é em 1905, por ocasião da publicação do relato da análise da jovem Dora, ocorrido cerca de cinco anos antes, que Freud aborda pela primeira vez a transferência enquanto conceito. Ou seja, menciona nessa oportunidade a figura do analista como parte do fenômeno e reconhece a influência direta dessa relação transferencial na terapêutica de um caso. Aliás, essa é a origem do aforismo lacaniano segundo o qual “O analista forma parte do conceito de inconsciente, posto que constitui seu destinatário” (LACAN, 1998b, p. 848). A noção de transferência, no entanto, está presente em escritos anteriores de Freud, o que nos possibilita uma leitura cronológica do conceito, cujas elaborações tornaram-se progressivamente mais complexas, acompanhando, desse modo, a evolução da teoria.

Voltemo-nos inicialmente para os *Estudos sobre a histeria* (1893). Parece ter sido nessa obra, mais especificamente no capítulo IV,

que Freud fala sobre o fenômeno da transferência pela primeira vez. Nessa época, empenhado em demonstrar o importante papel do médico na criação de motivos para derrotar as forças psíquicas das resistências oferecidas pelos pacientes, Freud (1893/1996i) especifica três obstáculos à cooperação destes ao tratamento. No primeiro caso, a “sensação” de rejeição do paciente, por parte do analista, achando-se negligenciado, pouco apreciado ou até mesmo insultado. Esse seria o obstáculo menos grave, resolvido por meio de discussão e explicação. O segundo caso aponta para o medo do analisante de depender do analista, seja em termos sexuais ou não. Aqui, é o receio de perder a autonomia que está em cena. O terceiro e último obstáculo, exclusivamente chamado de transferência, é assim demarcado: “Quando a paciente se assusta ao verificar que está transferindo para a figura do médico as representações aflitivas que emergem do conteúdo da análise” (FREUD, 1893/1996i, p. 313). Acrescenta que essa transferência se dá por meio de uma falsa ligação e refere-se tratar de fenômeno frequente e, a rigor, usual em algumas análises.

O exemplo de Freud (1893/1996i) para elucidar a *falsa ligação* é de uma analisante que, num término de sessão, demonstra o desejo de ser por ele beijada. Freud descobre, por meio das associações livres solicitadas à paciente, que houve de sua parte o mesmo desejo relativamente a outro homem em situação diversa, tendo experimentado naquela oportunidade uma incompatibilidade entre o conteúdo ideativo e seu ego. Embora Freud não explicita as razões dessa incompatibilidade, o fato é que houve, concomitantemente ao desejo de ser beijada, um afeto aflitivo, e, por esse motivo, a ideia, que fora relegada ao inconsciente, retornou ao tratamento acompanhada do mesmo afeto.

Das notas acima aduzidas, vale destacar dois pontos. Primeiro, o fato de Freud não considerar os dois primeiros obstáculos ao tratamento como transferência. Ou seja, não leva em conta, nesse momento da construção teórica, que se sentir negligenciado ou com medo de depender do analista em termos pessoais ou sexuais decorra da transferência. Assim, o que definiria a transferência seria especificamente a *falsa ligação*. Em outras palavras, a substituição na vida mental do analisante de alguém do seu passado pela figura do analista.

Percebemos, neste ponto, que, embora Freud indique um fator afetivo em cena no processo analítico e enalteça o empenho do analista no sentido de se bastar como um substituto do amor, está distante do que será, mais adiante, configurado como uma relação transferencial. Ressaltamos, no entanto, que a ideia de falsidade deve-se ao fato – já

presente aí – de que, na transferência, a ligação havida é entre um afeto e uma representação que não lhe corresponde. Afirmamos, mesmo de modo lato, que se acha aí algo da ordem da repetição, uma vez que a ligação falsa reproduz – ainda que não conscientemente – atitudes e afetos análogos àqueles da cena traumática, agora endereçados ao analista.

Outro ponto: ainda que nesse momento da construção freudiana a transferência seja tomada como fator a obstaculizar o tratamento, Freud parece sugerir, em algumas passagens do texto, que o fenômeno poderia revelar algo mais, especialmente quando utiliza aspas na palavra obstáculo: “Nossa primeira tarefa é tornar o ‘obstáculo’ consciente para o paciente” (FREUD, 1893/1996i, p. 314). Ou, ainda: “Numa outra paciente, o ‘obstáculo’ costumava não aparecer diretamente como resultado de minha pressão, mas eu sempre conseguia descobri-lo levando a paciente de volta ao momento em que ele se havia originado” (FREUD, 1893/1996i, p. 314-5). E, por último: “Creio, porém, que se lhes tivesse deixado de esclarecer a natureza do ‘obstáculo’, eu simplesmente lhes teria dado um novo sintoma histérico – embora, é verdade, mais brando – em troca de outro que fora espontaneamente gerado” (FREUD, 1893/1996i, p. 315).

Freud (1893/1996i) refere certo aborrecimento relativamente a essa nova descoberta, até perceber que a transferência não trazia aumento significativo do trabalho do analista e tão pouco modificava o trabalho do analisante. Além disso, conclui que o processo observado obedece a uma lei. E é a essa lei que se refere quando comenta acerca do caso antes mencionado, sobre a paciente que desejava ser beijada pelo analista:

[...] ela precisava superar o afeto aflitivo despertado por ter sido capaz de alimentar aquele desejo sequer por um momento; e parecia não fazer nenhuma diferença para o êxito do tratamento que ela fizesse desse repúdio psíquico o tema de seu trabalho no contexto histórico, ou na recente situação relacionada comigo (FREUD, 1893/1996i, p. 315).

Por fim, Freud (1893/1996i) acrescenta que os pacientes, no curso da análise, aprenderam que esse fenômeno transferencial para a figura do analista se tratava de compulsão e ilusão, dissipando-se no final da análise.

Embora não se encontre no trabalho de 1893 alusão direta à relevância do fenômeno transferencial enquanto condição à técnica, Strachey (1996), editor inglês das *Obras Completas*, menciona nas notas introdutórias um vislumbre por parte de Freud, já nessa oportunidade, sobre a impressionante natureza do fenômeno, assim como o reconhecimento de que se revelaria, para além de um obstáculo, um instrumento fundamental à psicanálise (FREUD, 1893/1996i).

A brevíssima incursão pelos *Estudos sobre a histeria* (FREUD, 1893/1996i) permite-nos extrair, novamente, dois pontos que parecem nos conduzir à noção de uma repetição atrelada à transferência, implícita na obra de Freud, anterior a 1914, quando de sua conceituação explícita no texto *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/1996n): a noção acerca da persistência de algo irresoluto, do passado, que não alcançando a consciência permanece em suspenso. Essa característica de insistência, que em última análise é insistência em se fazer dizer, culmina no sintoma, que sustenta algo de repetição, uma vez que traz à tona, de modo obscuro, uma contingência do passado.

O outro ponto refere-se à falsa ligação, que, por sua vez, presentifica, ainda que de modo lato, algo da ordem da repetição, visto reproduzir inconscientemente afetos, atitudes e comportamentos análogos aos referidos na cena traumática, agora direcionados ao analista.

Em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900), obra que traça o limite entre os artigos pré-psicanalíticos de Freud e o início da psicanálise, também encontramos indícios da construção do conceito de transferência. Nessa obra, Freud apresenta uma teoria sobre a estrutura do inconsciente: os processos de pensamento e as leis que regem esses processos. Demonstra, nesse sentido, a efetividade de uma memória inconsciente. E é nessa trilha que descobre a existência de um desejo indestrutível, parte dessa memória inconsciente, que se metamorfoseia, movendo-se de uma representação para outra (BARATTO, 2010). Nas palavras de Laplanche e Pontalis (1970, p. 163), a transferência, no texto de 1900, designa na sua generalidade “[...] a passagem da energia psíquica de uma representação para outra [...]”, revelando, assim, a mobilidade do inconsciente na medida em que, por meio do mecanismo da substituição, o desejo se desloca, possibilitando às representações recalçadas darem lugar a formações diversas (BARATTO, 2010). Oportuna a advertência de Lacan, comentada por Baratto (2010), segundo a qual “o inconsciente só se expressa por deformação (*entstellung*), distorção, transposição” (LACAN, 1953-54/1979, p. 61), revelando novas edições do desejo inconsciente. Ou, como antes dito,

um desejo metamorfoseado. Essa descoberta fundamental permite ao mestre vienense abandonar a sugestão hipnótica e, por meio da interpretação dos sonhos e da associação livre, elucidar esses processos inconscientes, assim como a estrutura do desejo – seu caráter de fantasia inconsciente – e as resistências contrárias a este (BARATTO, 2010).

Essa transferência, que relacionada à memória atualiza o desejo, é parte das construções e elaborações posteriores sobre o conceito, as quais dão conta de selar a relação analisante/analista, permitindo a recomendação técnica de análise das transferências, tendo presente que o material inconsciente que sofreu um processo de transferência a ser analisado é o desejo do sujeito (BARATTO, 2010).

Seguindo a cronologia, é em 1905, com a publicação de *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, que se estabelece a transferência em termos conceituais. Trata-se do relato da análise de uma moça de 18 anos, conhecida pelo pseudônimo Dora, mencionado anteriormente. Este é um dos cinco grandes históricos publicados por Freud, juntamente com *Pequeno Hans*, *Schreber*, *Homem dos ratos* e *Homem dos lobos*. O tratamento de Dora, que durou três meses, ocorreu entre outubro e dezembro de 1900, tendo sido relatado por Freud em 1901 e publicado somente em 1905, possivelmente para preservar a privacidade e identidade da paciente. Seguem algumas notas acerca das observações do mestre vienense nesse historial.

Freud, ao comentar na introdução do relato que o seu principal objetivo era “[...] demonstrar a estrutura íntima da neurose” (FREUD, 1901/1996i, p. 24) e em seguida afirmar ter descoberto “[...] a estrutura mais fina da neurose” (p. 23), sinaliza-nos para a importância de seus achados. Esse fino tecido descoberto por Freud se refere às múltiplas identificações na histeria, o que lhe permitiu aprofundar conceitos da sua teoria da sexualidade, assim como da transferência.

“O que são as transferências?” (FREUD, 1901/1996i, p.111), pergunta Freud no início do texto, respondendo em seguida:

São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornarem-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série [de experiências psíquicas] prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do analista.

Ressaltamos, inicialmente, que nesse passo da construção teórica se estabelece a transferência enquanto conceito. Assim afirmamos porque, embora na definição acima isto não se esclareça, é no Caso Dora que Freud reconhece a participação, não somente do analisante, mas do analista na transferência. Na experiência com Dora, percebe que aquilo que é dito pelo analisante é, em parte, balizado pela escuta do analista, uma vez que suas interpretações e atitudes podem possibilitar ou não o trabalho de análise. Descobre, portanto, o fenômeno dual da transferência e alude, nesse sentido, à severidade das exigências que a histeria faz ao analista (FRANCO, 2000). Essas exigências “só podem ser satisfeitas pelo mais dedicado aprofundamento, e não por uma atitude de superioridade e desprezo” (FREUD, 1901/1996i, p. 26) por parte do analista.

Freud tinha conhecimento, como vimos no texto de 1893, antes comentado, sobre a importância de uma relação de confiança entre analista e analisante, a fim de que este último pudesse falar o que lhe viesse à mente, vencendo sentimentos de timidez e vergonha. Também sabia que a recomposição das lacunas de memória pelo material inconsciente dependia da interpretação e da construção do analista. No entanto, a concepção era de que o analista sempre ajudava nesse processo, estando as resistências invariavelmente do lado do analisante (FRANCO, 2000). O mesmo autor chama a atenção para a citação de Goethe, feita por Freud (1901/1996i, p. 27) em pé de página, segundo a qual “Nem só a Arte e a Ciência servem; no trabalho há que mostrar paciência”. Para Franco (2000), Freud percebe aí a imensa implicação do analista no trabalho. E é somente com humildade e paciência que pode (o analista) descobrir o seu lugar nessa relação. Lugar em que é colocado pelo analisante ou no qual se coloca inconscientemente (FRANCO, 2000).

O Caso Dora se torna, portanto, fundamental ao indicar ao mestre a limitação do próprio analista no avanço de uma análise, implicado que está na relação transferencial. Esse estágio do pensamento freudiano é bem caracterizado, com alguma irreverência, nas palavras de Elia (1999, p. 1):

Já tendo assim aberto o caminho do sujeito do inconsciente, e já estando este a caminho, Freud se vê portanto à espera das associações, ou seja, dos significantes, das recordações recalçadas, uma após outra, que poderiam enfim levar ao núcleo da neurose, por esta via meramente simbólica. Num tempo curto, mas ainda assim um tempo, em que

o cientista insiste no analista, Freud visa o sujeito mas não o espera, não o prevê, não vê por onde ele vai chegar, e demanda a palavra, a cadeia associativa de palavras, o saber do inconsciente tomado então como capaz de esclarecer o real do sintoma. É tomado de surpresa quando o sujeito, em vez de lhe dar a palavra que ele cientificamente tanto insiste em obter, se lhe apresenta em ato, em afeto, em transferência. Rompendo o curso das associações, o sujeito se dirige a Freud, e lhe diria, se pudesse: “Meu caro Dr. Freud, o inconsciente de que sou o efeito não tem outra forma de se dizer senão em ato: desculpe-me pelo mau jeito, mas não é a sua metodologia científica que vai poder ouvi-lo, admita esta minha transferência jogada assim um tanto abruptamente em cima do senhor, e não fique zangado comigo. A propósito, acho que o senhor não me recebeu hoje muito bem [...] deve estar zangado comigo, pois não vi em seu rosto o sorriso habitual”.

Sobre a necessária implicação do analista na situação transferencial, Lacan (1960/2000), no Seminário sobre a transferência, sustenta a presença de dois sujeitos na experiência de análise. Observando, posteriormente, que a posição desses sujeitos não é de nenhum modo equivalente, oferecendo-nos a noção de *disparidade subjetiva*, que vai além da ideia sustentada por Freud acerca da *dissimetria* entre analista e analisante. Desse modo, a intersubjetividade é completamente estranha ao processo analítico.

Vale salientar a leitura de Lacan (1960/2000), acerca do diálogo entre Sócrates e Alcebiades no *Banquete*, onde o mestre francês toma-os como exemplares da situação da transferência e do lugar do analista como Sujeito suposto Saber, tema que revisitaremos adiante. Nessa oportunidade, traçando um paralelo com a situação analítica, ensina Lacan:

Pelo simples fato de haver transferência, estamos implicados na posição de ser aquele que contém o “agalma”, o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, como ligado, condicionado por essa relação de vacilação do sujeito que caracterizamos como o que constitui a fantasia

fundamental, como o que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo” (LACAN, 1960/2000, p. 194).

O que Lacan observa é o fato de que o desejo que desperta a paixão de Alcebiades por Sócrates não se encontrar numa posição subjetiva original, mas aparece como objeto, fato que elucida a antes comentada impossibilidade de uma relação intersubjetiva no processo analítico.

Embora as elaborações comentadas até aqui sejam importantes e quiçá imprescindíveis à construção do conceito de transferência, é somente nos *Artigos sobre a técnica* (FREUD, 1911- 15/1996a) que a sua formalização é definitiva. Consoante Baratto (2010, p. 236), alguns anos mais de prática clínica foram necessários para a constatação de Freud acerca de “uma modalidade particular de atualização do inconsciente no decurso do tratamento, e que segue os mesmos processos que ele vira em ação na formação dos sonhos”. Ou seja, “Em função das resistências, o desejo retorna de modo mascarado, transportando-se para a relação do analisante com o analista, levando-o a repetir em ato o que ele não pode pôr em palavras” (BARATTO, 2010, p. 236). É nesse sentido que a verificação da hipótese do inconsciente somente é possível pela transferência, visto que permite a “atualização da realidade do inconsciente” (LACAN, 1964/1988c, p. 139). Aliás, esta é a caracterização do que se denomina neurose de transferência, como veremos adiante.

Freud (1912/1996g) em *A dinâmica da transferência*, o primeiro dos *Artigos sobre a técnica* (1911-15/1996a) a tratar do tema, destaca inicialmente dois pontos de interesse específico para os psicanalistas no tocante a transferência. O primeiro, e rapidamente esclarecido, é sobre a intensidade da transferência nos indivíduos neuróticos em análise. Mediante algumas elaborações, conclui que, de fato, a transferência não surge de forma mais intensa na psicanálise do que fora dela, devendo suas características (de intensidade) serem atribuídas à própria neurose (FREUD, 1912/1996g, p. 136). O segundo problema, que considera um enigma, e com o qual se ocupa obstinadamente, é “[...] a razão por que, na análise, a transferência surge como a resistência mais poderosa ao tratamento” (FREUD, 1912/1996g, p. 112), afinal, “parece ser uma imensa desvantagem, para a psicanálise como método, que aquilo que alhures constitui o fator mais forte no sentido do sucesso, nela se transforme no mais poderoso meio de resistência” (p. 113).

O processo é explicado por Freud (1912/1996g), primeiramente, pela introversão, condição do desencadeamento da neurose: parte da libido consciente se acha diminuída e parte se dirige para longe da realidade. A libido entra num curso regressivo e revive as imagens infantis do sujeito. A análise passa a segui-la, no sentido de torná-la acessível à consciência, onde o processo analítico depara-se com a libido retirada em seu esconderijo, está fadado a irromper um combate: “[...] todas as forças que fizeram a libido regressar se erguerão como ‘resistências’ ao trabalho da análise, a fim de conservar o novo estado de coisas” (FREUD, 1912/1996g, p. 114). Além da introversão, a outra fonte de resistência é o fato de o recalçado atrair para si outras representações passíveis de serem recalçadas por sua relação com as primeiras (FREUD, 1912/1996g).

Freud (1912/1996g, p. 16) reconhece no trabalho em comento que a transferência não é sinônimo de resistência, embora seja efeito e expressão daquela. Nesse sentido, separa a transferência positiva da negativa. Respectivamente: de sentimentos afetuosos e de sentimentos hostis. A transferência positiva pode alcançar além de sentimentos amistosos ou afetuosos, admissíveis à consciência, “[...] prolongamentos desses sentimentos” no inconsciente, que remontam a fontes eróticas (FREUD, 1912/1996g, p. 116). Aliás, esta é a que importa aos analistas, refere Lacan em *O Seminário – Livro II*, visto que é inconsciente, diferentemente dos referidos sentimentos amistosos, que são admissíveis à consciência.

O reconhecimento da existência das duas vertentes da transferência, presentes no processo de análise, conduz Freud (1912/1996g, p. 119) a propor o seu manejo ressaltando que, se, por um lado, os fenômenos transferenciais representam as maiores dificuldades para os psicanalistas; por outro, “[...] são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente”.

Cabe salientar, por fim, e novamente, algo de uma repetição atrelada à transferência, implícita nas formulações freudianas: a ideia de transferência como direcionamento, para a figura do analista, de investimentos libidinais insatisfeitos que recorrem a protótipos estereotípicos, por sua vez configurados como moldes para um tipo de condução do sujeito na sua vida amorosa. Moldes que, como tais, são constantemente repetidos. Transferência e repetição, aqui, se configuram como efeito de uma insatisfação libidinal. A libido insatisfeita é o motor da pulsão, como diz Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920/1996a, p. 52-53):

[...] a pulsão nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente da pulsão, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é *exigida* e a que é realmente *conseguida*, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas [...].

A problemática da pulsão neste ponto da pesquisa serve-nos para lançar alguma noção sobre o fato, por ora vislumbrado, de que, em última análise, está a pulsão. Em momento oportuno, retomaremos esta temática.

Ainda nos *Artigos sobre a técnica* (FREUD, 1911-15/1996a), encontramos recomendações importantes em *Observações sobre o amor transferencial* (FREUD, 1915/19961). Freud compartilha, nessa oportunidade, a sua experiência clínica que comprova o fato de que a relação transferencial contempla, em muitos casos, um apaixonamento do analisante pelo analista. Nesse sentido, alerta e recomenda acerca da direção do tratamento ante esse amor apaixonado.

A primeira das recomendações é a suspeita, do lado do analista, de que “[...] tudo o que interfere na continuação do tratamento pode constituir expressão da resistência” (FREUD, 1915/19961, p. 180). E assim o é com a irrupção dessa súbita exigência de amor do analisante, que muito regularmente ocorre “[...] na ocasião precisa em que se está tentando levá-lo a admitir ou recordar algum fragmento particularmente aflitivo e pesadamente reprimido da história de sua vida”. Essa resistência, por sua vez, não cria o amor, mas encontra-o pronto, à mão, fazendo uso dele e agravando as suas manifestações (p. 185).

Alguns complicadores da situação estabelecida pela transferência erótica são vinculados ao enamoramento mesmo, outros são expressões da própria resistência (FREUD, 1915/19961). Sobre os primeiros, prestam-se à certificação do paciente acerca de sua irresistibilidade, destituindo a autoridade do analista. No segundo caso, a severidade do analista é colocada em cheque por meio de declarações de amor direcionadas a ele. No entanto, no caso de complacência deste último, é instantaneamente chamado à ordem pelo analisante. De todo o modo, a impressão que resta é da resistência como “*agente provocateur*” (FREUD, 1915/19961, p. 180). O estado amoroso do paciente se

intensifica justificando o funcionamento da repressão (FREUD, 1915/1996l).

Diferentemente dos padrões vigentes de moralidade, os psicanalistas são convocados a se posicionar de modo *sui generis* frente à transferência erótica dos analisantes. Nessa direção, enfatiza Freud (1915/1996l, p. 180): “[...] instigar o paciente a suprimir, renunciar ou sublimar as suas pulsões [...] seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta”. Por outro lado, o tratamento requer a abstinência do analista relativamente à satisfação do analisante. Sendo assim, o caminho a ser trilhado não segue modelo existente na vida real: o anseio do paciente não deve ser suprimido, nem satisfeito, mas apaziguado por meio de substitutos. O analista deve recusar qualquer retribuição de amor, cuidando, no entanto, “[...] para não se afastar [do amor], repeli-lo ou torná-lo desagradável para o paciente [...]” (FREUD, 1915/1996l, p. 183).

No caso de êxito na atuação do amor pelo analista, Freud (1915/1996l) alerta para a derrota completa do tratamento. Derrota que se estabeleceria justamente como corolário de uma repetição, visto que a atuação exitosa desse amor impediria as lembranças, as elaborações, enfim, as palavras ditas acerca do que se repete; por parte do analista, a escuta igualmente restaria inviabilizada.

Algo que resta patente nesse trabalho de Freud (1915/1996l), coadunando com algumas observações anteriores, é a ideia de repetição de protótipos infantis na transferência amorosa em análise. As seguintes passagens do texto corroboram essa noção: Freud (1915/1996l, p. 184) sugere que, se a paciente permanecer segura relativamente ao fato de que o analista está à prova de qualquer tentação, permitirá que as características pormenorizadas de seu estado amoroso venham à luz. “A partir destas, ela própria abrirá o caminho para as raízes infantis de seu amor.” Mais adiante, refere que o amor transferencial “[...] não exhibe uma só característica nova que se origine da situação atual, mas compõe-se inteiramente de repetições e cópias de reações anteriores, inclusive infantis”. Em seguida, reitera essa posição: “É verdade que o amor consiste em novas adições de antigas características e que ele repete reações infantis. [...] Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis”, visto ser este o caráter essencial de todo o estado amoroso (FREUD, 1915/1996l, p. 185).

Em conclusão, Freud (1915/1996l) faz uma analogia entre o manejo da transferência e o trato de substâncias químicas, referindo que

o psicanalista sabe que está trabalhando com forças explosivas, devendo avançar com a cautela e o escrúpulo de um químico. Alerta que os perigos no trato com substâncias explosivas não o torna proibido. Nessa linha, tece crítica ao tratamento da neurose por meio de “remediozinhos inócuos”, o que significa subestimar o sofrimento procedente das neuroses e sua importância prática. O manejo da transferência é, portanto, o meio de se alcançar o domínio dos mais perigosos impulsos mentais em benefício do analisante (FREUD, 1915/1996l, p. 188).

Outras lições importantes sobre o conceito de transferência encontramos nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (FREUD, 1915-17/1996c). Tais conferências consistem na publicação dos pronunciamentos de Freud enquanto membro da Universidade de Viena, onde fora indicado como *Privatdozent* (Livre Docente da Universidade) em 1885 e como Professor *Extraordinarius* (Professor Assistente) em 1902. Muitas das exposições de Freud, por ocasião das *Conferências*, não foram publicadas. No entanto, por sugestão de Otto Rank, Freud decidiu fazê-lo relativamente à série que começava no outono de 1915 e que deveria ser a última<sup>8</sup>. É parte dessa série a *Conferência XXVII*, intitulada *Transferência*, sobre a qual nos ocupamos a seguir.

Muito embora Freud, como vimos, tenha dedicado alguns trabalhos anteriores ao tema da transferência e, além disso, tenha mencionado na introdução das *Conferências* a falta de novidade e a familiaridade do leitor com os temas ali comentados, trata do fenômeno como algo novo e surpreendente.

A seguinte questão é introdutória desse trabalho: “onde os fatores do adoecer darão lugar à influência terapêutica?”, ou seja, o que encorajará o analisante a trabalhar no sentido de superar o conflito neurótico estabelecido “entre um impulso libidinal e a repressão sexual, entre uma tendência sexual e uma tendência ascética” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 434-435). Na trilha da resposta, Freud faz considerações importantes acerca da prática clínica. Inicia discorrendo sobre os fatores determinantes do adoecer e aqueles que entram em jogo após o adocimento do sujeito. Em seguida, orienta sobre os fortes obstáculos da repressão e da resistência que se interpõem no percurso de uma análise. Por fim, refere um “novo” problema “[...] para o qual absolutamente não estamos preparados” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 440): a maneira muito peculiar de os pacientes se comportarem perante os analistas.

---

<sup>8</sup>Nota do editor inglês das obras completas de Freud – Prefácio.

No intuito de explicar a referida peculiaridade, que é nada menos do que o estabelecimento da transferência, Freud (1916-17/1996d) tece um breve roteiro do que comumente se passa no processo de análise, onde um especial interesse pela pessoa do analista é tão intenso por parte do analisante que termina por desviá-lo do sofrimento que o levara a buscar análise. A relação estabelecida é agradável e há uma espécie de gratidão dirigida ao analista, diz Freud. O modo de ser do analisante revela préstimos inesperados. O analista, por sua vez, passa a apreciar a possibilidade de trabalhar com alguém de tanto valor. Algumas vezes, a reciprocidade da afeição entre os dois é comprovada pelos parentes do analisante, para quem este tece somente elogios ao analista: “[...] ‘ele confia cegamente no senhor; tudo o que o senhor diz é como uma revelação para ele’” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 441), comentam os familiares. Sobre essa “lua de mel”, Freud adverte: “Aqui e ali, alguém, dentro desse coro, tem visão mais arguta e diz: ‘Está ficando maçante o jeito como ele só fala no senhor, e tem nos lábios o nome do senhor o tempo todo’” (p. 441).

Nesse primeiro tempo da análise, observa-se comumente consideráveis progressos relativamente às interpretações, assim como há certa facilidade por parte do analisante em se concentrar no trabalho analítico. As lembranças e associações, assim como a apropriação de suas interpretações causam surpresa e satisfação ao analista. A boa relação entre os dois tende a crescer, influenciando na diminuição do sofrimento do analisante. Contudo, esse primeiro e bom tempo chega ao fim. O sujeito se desinteressa do tratamento e a regra fundamental da psicanálise acordada com o psicanalista – a associação livre, que significa dizer tudo o que vem à mente, não permitindo que obstáculos críticos impeçam de fazê-lo – deixa de ser seguida. Há algo que o paciente não coloca em palavras, no entanto, está claramente ocupando sua mente. Essa perigosa situação trata-se de uma “formidável resistência” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 442). O exame do estabelecimento dessa situação leva Freud a reconhecer que a transferência está longe de ser um evento casual:

Quando, porém, semelhante vinculação amorosa por parte do paciente em relação ao médico se repete com regularidade em cada novo caso, quando surge sempre novamente sob as condições mais desfavoráveis e onde existem incongruências positivamente esquisitas, até mesmo quando senhoras de idade madura se apaixonam por

homens de barba grisalha, até mesmo onde, conforme julgamos, não há nada, de espécie alguma, capaz de atrair - então devemos abandonar a ideia de uma perturbação casual e reconhecer que estamos lidando com um fenômeno intimamente ligado à natureza da própria doença (FREUD, 1916-17/1996e, p. 443).

Freud (1916-17/1996d) esclarece que o tratamento não justifica o desenvolvimento desses sentimentos por parte do analisante, ao contrário, sustenta, como já o fizera anteriormente, que eles estavam preparados no paciente, tendo sido transferidos à pessoa do analista na oportunidade ensejada pelo tratamento (FREUD, 1916-17/1996d). Daí a designação transferência, que, mesmo aparecendo sob diferentes facetas e envolvendo quantidade de libido mais ou menos atenuada, não permite equívocos relativamente à sua origem na mesma fonte (FREUD, 1916-17/1996d). A ideia aqui repisada, acerca dos sentimentos estarem preparados nos pacientes, sugere-nos, novamente, algo de repetição no fenômeno da transferência.

A transferência transformada em resistência aparece sob duas diferentes condições: na primeira, quando a inclinação amorosa intensa “revela sua origem em uma necessidade sexual de modo tão claro, que inevitavelmente provoca uma oposição interna a ela mesma”; na segunda, quando revela impulsos hostis (FREUD, 1916-17/1996d, p. 444). Importante a ressalva de Freud, neste trabalho, de que os sentimentos hostis assim como os afetuosos sinalizam o vínculo afetivo existente. Assim, diferentemente do que pensava inicialmente, são também transferência, já que a situação no tratamento não propicia qualquer fundamento para a sua origem.

Freud (1916-17/1996d, p. 444), ao se aproximar do final do artigo em comentário, sintetiza em quatro questões os pontos de interesse dos analistas: “Onde surge a transferência, que dificuldades nos causa, como as superamos e que vantagens finalmente dela auferimos”. Ressalva que tratará as questões “levemente”, embora devam ser abordadas com a máxima relevância para a direção da análise. Esclarece novamente sobre a impossibilidade de ceder às exigências decorrentes da transferência do analisante e sugere que o trabalho do analista deverá ser direcionado no sentido de mostrar que os sentimentos despertados não se originam daquela situação, assim como não se referem à pessoa do analista.

Lacan formula um dito, do lado do analisante, para marcar a impossibilidade desse “encontro amoroso” entre este e o analista: “eu

lhe peço que você recuse o que lhe ofereço porque não é isso” (LACAN, 1985, aula IX, p.152). Sim, não se trata disso, visto tratar-se de uma demanda do analisante, o que se configura muito diferentemente de um pedido qualquer. Toda a demanda é um desejo inconsciente transformado em palavra. É um pedido [do analisante] de reconhecimento e de amor do analista. A recusa deste em atender a essa demanda possibilita que o sujeito entre em análise e se confronte com o seu desejo, que, por sua vez, circula entre as palavras.

Em seguida, Freud (1916-17/1996d) é taxativo relativamente à questão que envolve esta pesquisa, a saber, as conjunções e disjunções entre os conceitos de repetição e transferência: os analisantes “[...] estão repetindo algo que lhe aconteceu anteriormente. Desse modo, obrigamo-lo a transformar a repetição em lembrança” (FREUD, 1916-17d/1996, p. 445). Neste ponto, cabe lembrar o esquema estabelecido no texto de Freud de 1914: *Recordar, repetir e elaborar*, onde estabelece que a transferência instrumentaliza o processo de análise, sendo definida como “[...] o instrumento com cujo auxílio os mais secretos compartimentos da vida mental podem ser abertos” (FREUD, 1914/1996n, p. 445). Salientamos, com Santos (1994), que, embora Freud se refira à lembrança, trata-se de rememoração, que etimologicamente conserva outro sentido: o significado de volta ao coração (*re-cordis*). Ou seja, a recordação deverá vir acompanhada da emoção que está ligada ao que foi reprimido, abarcando fantasias e significações. Aliás, significações que deverão cair pelo trabalho da análise.

Freud (1916-17/1996d, p. 445) observa, ainda nas *Conferências*, que o mal-estar do analisante não paralisa a sua evolução em função do início do tratamento, ao contrário, “[...] cresce e evolui como um organismo vivo”. Nessa linha, quando ocorre a instalação plena do dispositivo da análise, a doença converge para um único ponto que é a relação com o analista. As recordações cedem lugar a aspectos transferenciais e, neste ponto, uma nova neurose, criada pela situação analítica, assume o lugar da antiga doença. Evidentemente, servindo-lhe esta como condicionante da situação atual. Ou seja, trata-se de uma “[...] nova edição do distúrbio antigo” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 445). E, nesta nova edição, o analista ocupa o papel central por ser o próprio objeto da neurose:

Todos os sintomas do paciente abandonam seu significado original e assumem um novo sentido que se refere à transferência; ou apenas tais sintomas persistem, por serem capazes de sofrer

essa transformação. Mas dominar essa neurose nova, artificial, equivale a eliminar a doença inicialmente trazida ao tratamento - equivale a realizar nossa tarefa terapêutica. Uma pessoa que se tornou normal e livre da ação de impulsos instintuais reprimidos em sua relação com o médico, assim permanecerá em sua própria vida, após o médico haver-se retirado dela (FREUD, 1915-17/1996, p. 445).

Importante lembrar que, como vimos em *A Dinâmica da Transferência*, as características da transferência não devem ser atribuídas à psicanálise, mas sim à própria neurose. Nesse sentido, transferir é uma qualidade humana que, como tal, imprime, um padrão próprio do sujeito. O dispositivo analítico pode, por sua vez, operar o direcionamento das pulsões reprimidas para o interior da relação que o paciente estabelece com o analista (FREUD, 1916-17d/1996). A situação transferencial se converte em um “[...] estímulo que influenciará sua decisão [decisão do analisante] no sentido que desejamos” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 446), ou seja, enfrentar o conflito com as resistências que lhe são mostradas na análise. Se não fosse pela transferência, o analisante poderia optar pela “[...] repetição do resultado anterior” (FREUD, 1916-17/1996d, p. 446) e o conteúdo trazido à consciência pelo processo da análise deslizaria para o inconsciente, sob a força da repressão.

Freud (1916-17/1996d) adverte que não é a compreensão intelectual que possibilita esse resultado, mas tão somente a relação estabelecida com o analista. Uma transferência positiva reveste o analista de “autoridade”, o que permite ao analisante atribuir credibilidade às suas intervenções. Ou seja, o analisante se torna “acessível”, a partir do aspecto intelectual, mas o trabalho analítico acontece de fato quando ocorre a direção da catexia libidinal para o analista, o que significa dizer que este se torna objeto de desejo do analisante.

Embora o percurso até o momento não possibilite alcançar totalmente o objetivo *princeps* da pesquisa, notamos que, no recorte dos textos cingidos até aqui, aparecem fundamentalmente conjunções entre os conceitos de repetição e transferência. Em alguns momentos, conotam se tratar de um só e mesmo fenômeno. Até 1917, parece ser esta a hipótese de Freud: o paciente repete em transferência as situações reprimidas do passado como algo que efetivamente pertence ao presente.

Ou seja, há um deslocamento da libido dos objetos originais do passado para a figura do analista. A relação entre essa operação inconsciente atrelada à noção de compulsão à repetição na vida do sujeito [e não somente em análise] aparece de modo explícito pouco depois na obra de Freud, como veremos.

Interessante ressaltar que os textos comentados evidenciam ainda – alguns de modo menos explícito – a impossibilidade de o analista ceder à demanda do analisante, em nome do aparecimento do seu desejo. O que pressupõe que a direção dada por Freud relativamente ao manejo da transferência indicava que a repetição em cena não deveria ser “interrompida” pelo manejo do analista, como efeito da correspondência à demanda. Esse fato indica a noção havida de que, pela via da repetição na análise, o sujeito poderia simbolizar o que apresentava em ato, cessando, de alguma maneira, esse movimento.

Passemos a algumas das pontuações feitas por Lacan acerca da transferência. Pontuações que envolvem construções próprias, possibilitando-nos ir um pouco além.

Lacan, ao se debruçar sobre o tema da transferência, o que faz separadamente do conceito de repetição, não deixa dúvidas sobre a sua importância, na medida em que, além de considerá-lo um dos conceitos fundamentais da psicanálise, dedica um seminário inteiro à problemática: *O Seminário – Livro 8: A Transferência* (LACAN, 1960/2000).

A via da introdução lacaniana ao estudo da transferência no referido seminário é o amor. Por meio do exame de *O Banquete*, texto de Platão que se dedica à narrativa de um encontro entre filósofos, cujo tema principal é o amor, Lacan introduz as seguintes noções: *agalma*, *Sujeito suposto Saber e desejo do analista*. Todas estas fundamentais à releitura que se propõe acerca da transferência.

A via do amor, utilizada por Lacan, já era seguida por Freud, que, em mais de uma oportunidade, referiu-se à transferência como um amor genuíno. Observamos, no entanto, que, no primeiro, a forma de abordar esse amor transferencial é distinta, na medida em que apresenta o amor como metáfora. Noutros termos, Lacan mostra, utilizando-se do texto de Platão, a metáfora do amor que é produzida na transferência.

Relativamente à noção de Sujeito suposto Saber, antes citada, é na elaboração desse tema, no *Seminário 11*, que Lacan (1964/1988c) aborda aspectos dos dois conceitos cingidos nesta investigação, possibilitando uma rica articulação entre Sujeito suposto Saber e repetição. Afinal, o sujeito repete para o analista fundamentalmente o

que repete na vida, visto a atribuição de saber que lhe dirige. Este ponto demanda-nos algumas considerações.

Lacan, ao examinar o conceito de transferência, toma-o como um desenvolvimento realizado por Freud, podendo ser pensado esquematicamente em três tempos: primeiro, identificando o fenômeno à repetição; segundo, supondo-o como resistência; terceiro, articulando-o com a sugestão. Algumas destas noções restaram evidenciadas nos textos antes comentados. Contudo, sem renunciar a essas perspectivas, Lacan propõe uma espécie de eixo que possibilita articulá-las. Esse eixo é encontrado no dispositivo da análise, na medida em que concebe a transferência como consequência da associação livre (LEITE, 2010). Vejamos. As associações livres do analisante se configuram como efeito da busca da “verdade” que empreende sobre si mesmo. Nessa busca, cujos limites são as palavras ditas, endereça ao analista um “pedido” no sentido de que este decida a significação do que diz. Nesse momento, ao associar livremente para o analista, sujeitando-se à regra fundamental de dizer o que lhe vem à mente, o analisante abre-se à transferência, permitindo, por essa via de acesso ao saber (insabido), acessar o inconsciente (LEITE, 2010).

A transferência é, nessa perspectiva, a relação com o saber que é atribuído ao analista ou ao lugar do analista, que nada tem a ver com a pessoa deste, visto se tratar de um amor dirigido a qualquer um. Esse “qualquer um” equivale, na situação peculiar da análise, ao conceito lacaniano de Outro, que, em sucintas palavras, remete-nos ao “[...] lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo o que vai poder se presentificar do sujeito, é no campo desse vivo que o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 1964/1993, p. 193-194). É nesse campo da subjetividade onde se manifesta a pulsão (LACAN, 1964/1993).

A ideia de que o sujeito aparece na cadeia significante requer um rápido desvio no nosso percurso, cujo propósito restará esclarecido no seu final.

O sujeito para se constituir submete-se necessariamente a uma escolha forçada: a escolha do sentido em prejuízo do ser. Tal sentido, que é do campo do Outro, é recebido sob a forma de um significante (S2) que incide sob o primeiro significante (S1), significante mestre, que representa o sujeito. Apesar de o Outro ser o lugar do tesouro dos significantes, falta-lhe algo que o torna também barrado, propiciando ou provocando o aparecimento do desejo do Outro. O desejo é, nesse sentido, “apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro” (LACAN, 1964/1993, p. 2013), na própria intimação que este lhe faz sobre seu discurso.

A condição para o advento do sujeito, portanto, é essa falta no tocante ao sentido que lhe foi atribuído, por sua vez recolhido da imagem, das identificações, da linguagem, de um lugar fálico e da castração. A subjetividade é, em última análise, o que a criança conseguiu escutar do inconsciente de seus pais. O que daí escoou, sem as suas percepções. Daí, a referência de Charles Melman (1999, p. 34), sobre o que um pai deve transmitir a um filho:

O bem maior, supremo que posso dar a minha criança é de ter acesso à falta inscrita no Outro, quer dizer, ao real, pois é só este real que ele pode habitar como sujeito e de onde pode vir a desejar. O maior presente que posso fazer à criança é transmitir este nada [...].

O desejo, conceito que retomaremos no capítulo seguinte, é, como vimos até aqui, desejo do Outro e estabelece dois níveis relativamente à linguagem: o enunciado, que é aquilo que se diz, e a enunciação, que remete ao que se quer dizer com o que se diz. O primeiro denota o significante que provém do Outro; o segundo, o desejo do Outro. Essa divisão é o que incita a imperiosa pergunta do sujeito: “ele me diz isso, mas o que é que ele quer?” (LACAN, 1964/1993, p. 203). Ou seja, algo fica de fora. Falta.

Deste rápido “desvio”, uma noção deverá restar esclarecida: O Outro, que é o tesouro do significante, constitui o sujeito em falta. E é em razão da falta que o sujeito repete em ato. Essa relevante observação será repisada adiante, especialmente quando aduziremos algumas notas sobre a relação de objeto desenvolvida por Lacan no *Seminário 4*. Podemos depreender, no entanto, que a transferência e a repetição são fenômenos inconcebíveis sem uma referência ao Outro, daí a pertinência de se estabelecer a sua importância.

Em uma análise, onde o modo de operar é por excelência a palavra, o sujeito, ao falar, não somente se dirige ao Outro, na medida em que o analista é o representante do Outro, como se coloca numa situação de dependência, especialmente ao aceitar a regra fundamental que o situa na posição de não saber o que diz. Essa dependência, como já situado, está longe de ser da pessoa do analista, mas o é relativamente ao saber buscado na análise (LEITE, 2010). Nesse passo, Lacan chamou Sujeito suposto Saber esse elemento que é o suporte da transferência, definindo-o como a base de tudo o que se apresenta em termos de

transferência analítica: “Desde que haja em algum lugar o Sujeito suposto Saber [...] há transferência” (LACAN, 1964/1988c, p. 220).

Nessa direção, o antecedente lógico da formulação lacaniana “Sujeito suposto Saber” é o conceito de inconsciente de Freud, retomado a partir da submissão do sujeito à linguagem e como fundamento da relação transferencial (LEITE, 2010). Daí a articulação de Lacan (1964/1988cc, p. 139), antes referida, segundo a qual “A transferência é a realidade do inconsciente posta em ato”. Parece-nos, pois, que a formulação pode situar a suposição de saber em dois lugares: do lado do sujeito e do lado do saber suposto. O analista, por sua vez, está ali para se prestar a essa suposição enquanto verdade nas palavras ditas pelo analisante.

Consoante Leite (2010), ao apontar a transferência como efeito do dispositivo analítico, que difere da sua característica natural fora da análise, Lacan separa transferência de repetição. Esta seria da categoria do Real, enquanto aquela se estabeleceria no nível do simbólico.

Para Freud, a repetição era uma maneira de o analisante lembrar – colocando em ato na situação da análise –, tendo sido formalizada no final de sua obra como lembrança de um fracasso, momento da construção teórica em que se esclarece que o prazer não é o motor de todo o funcionamento psíquico. Especialmente, não é princípio atuante no fenômeno da repetição (LEITE, 2010). Para o mesmo autor, a transferência como repetição configura-se como aspecto pontual ou temporal da transferência, visto que com o conceito de Sujeito suposto Saber – e o fundamento simbólico da transferência, que é por meio deste estabelecido – Lacan estabelece, como referido, a diferença e a separação entre repetição e transferência. Sobre este ponto, importantes anotações são consignadas no capítulo seguinte.

#### 4.4 REPETIÇÃO

*En los mismos ríos entramos y no entramos,  
[pues] somos y no somos [los mismos].*

Heráclito

Iniciaremos este desejado momento – o estudo da repetição – com anotações sobre o atravessamento do tema ao longo do pensamento ocidental. Assim o faremos seguindo a observação feita na introdução deste texto sobre a obra freudiana “carregar”, no tocante à repetição, o peso de toda essa história (do pensamento ocidental). Aliás,

concordamos com Garcia-Roza (1986), quando sugere que o Édipo é a marca registrada desse fato.

Hegel, Kierkegaard e Nietzsche. Embora não haja clareza acerca da influência direta dos dois primeiros autores no pensamento freudiano, o terno é referência privilegiada pelos comentadores da obra. No tocante à repetição, os três guardam comunhão com Freud em dois pontos: conferem grande importância ao tema e não consideram a repetição como reminiscência (GARCIA-ROZA, 1986).

No tocante à aproximação entre Hegel e Freud, esta foi promovida por alguns filósofos, assim como por psicanalistas que, ao longo da história, trataram de estabelecer possíveis analogias, assim como diferenças e até divergências intratemáticas entre os dois. No que concerne ao conceito em exame, um dos autores a promover essa aproximação foi Jean Hyppolite ao estabelecer articulações entre a *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, e *A interpretação dos sonhos*, de Freud, a partir da noção de retrospectão. Hyppolite trabalha, em *Fenomenologia*, a noção de verdade como desvelamento que ocorre, utilizando seus termos, pela intercomunicação entre duas autoconsciências. Tal comunicação – única forma de o sujeito ser demovido de suas certezas subjetivas, constituindo uma verdade objetiva – somente pode ser promovida pela linguagem. A verdade, para Hegel, é resultado de um processo que a produz e a revela (GARCIA-ROZA, 1986).

O que se pode depreender dos comentários de Garcia-Roza (1986) acerca dessa articulação (Hegel-Freud) feita por Hyppolite é que haveria repetição, de algum modo, nos dois percursos: aquele realizado pela consciência, partindo da inconsciência-de-si, até a autoconsciência, e o que é trilhado por Édipo no rumo de sua verdade parricida e incestuosa. Essa experiência, contada em *Fenomenologia do Espírito* seria análoga àquela realizada no processo de análise. A repetição parece estar no fato de que se trata, em ambos os percursos, de uma experiência do sujeito de si mesmo, jamais como algo acrescentado de fora. Assim é que,

Da mesma forma como Édipo não se reconheceria parricida e incestuoso se essa verdade lhe fosse dita logo após ter assumido o trono de Tebas e ter se casado com Jocasta, também o paciente psicanalítico não reconheceria como sua a história que lhe fosse comunicada prematuramente pelo psicanalista (GARCIA-ROZA, 1986, p. 29).

Nesse sentido, os desconhecimentos, seja de Édipo acerca de sua verdade, seja do analisante sobre o significado de seu sintoma, são, para Hyppolite, análogos ao desconhecimento que marca a consciência ingênua de que trata Hegel em *Fenomenologia*.

No tocante a Freud e Kierkegaard, as concepções concernentes à repetição parecem mais próximas. Como comenta Garcia-Roza (1986), o tema é desenvolvido pelo filósofo na parte da sua obra designada “estética”. Ele apresenta duas facetas da repetição: uma delas, bem sucedida; a outra, malsucedida. Fundamentalmente, estabelece, no prefácio do primeiro escrito acerca do tema, que não se trata de reminiscência, assim como nada tem a ver com uma repetição natural, como o ciclo das estações ou o movimento dos astros. Assim, formula uma interessante questão inicial que ganha o seu empenho em busca de resposta: “uma coisa, ao ser repetida, ganha ou perde?” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 30).

Para Constantino Constantius – um dos muitos pseudônimos de Kierkegaard –, a existência, por não ser efeito somente do acaso do devir, é repetição. Para estabelecer sua crítica à concepção hegeliana de mudança, Kierkegaard vai buscar apoio no conceito grego de *Knesis* [movimento, mudança] (GARCIA-ROZA, 1986). Para Garcia-Roza (1986), apesar do conhecido anti-hegelianismo do filósofo dinamarquês, não há que se descartar o fato de Kierkegaard, neste ponto, ter retomado e dado novo significado a noção hegeliana de releitura. O autor adverte que não se trata de uma filiação de Kierkegaard a Hegel, mas tão somente desse aspecto (releitura/repetição), presente nos dois pensadores.

Interessante a distinção que estabelece o pensador dinamarquês entre duas repetições. Uma delas, a repetição numérica, onde há a pura reprodução, obedecente à lei e no sentido da manutenção mesma de algo. Como antes referido, aquela encontrada na natureza. A outra repetição, por sua vez, é a que produz diferenças. Nesta, há contrariedade à lei. Eis, em Kierkegaard, o sentido grego (*knesis*) presente na repetição: “[...] algo que diz respeito a uma singularidade, singularidade que afirma a eternidade, mas não a permanência” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 31). Não se trata, continua o autor, “[...] de uma eterna repetição do ‘mesmo’, mas de mostrar que o eterno retorno de que nos falam os gregos aponta para o que podemos chamar de repetição diferencial” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 31), ou seja, assim como acontece com a repetição de palavras, cujo sentido não se repete, também um acontecimento, ao se repetir, não é o mesmo.

A natureza da repetição em Kierkegaard, portanto, pode ser pensada como “[...] a diferença que emana desse ato criador no seio da existência. Repete-se, porém com diferença, como a busca do objeto amoroso em Freud” (ALMEIDA; ATALLAH, 2008).

Lacan, em mais de uma oportunidade, promove a aproximação entre Freud e Kierkegaard. Assim o faz não somente no tocante à repetição, mas também no que tange a outros conceitos. Sobre esse fato, comenta Fleig (2009, s/p, grifo nosso):

[...] cinco pontos [...] evidenciam o impacto do dinamarquês na obra de Lacan. De saída, sobressai a contraposição à filosofia da síntese. Em seguida, Lacan propõe uma filiação de Freud ao dinamarquês por meio da noção de existência. **Em terceiro lugar, o conceito de repetição, em contraposição à noção platônica de reminiscência, se constitui no ponto nodal da leitura que Lacan faz do filósofo, elucidando assim os emaranhados da confusão feita pelos leitores apressados de Freud entre transferência e repetição.** A medida desta repetição, em quarto lugar, se revela na noção de gozo. E, por último, a indicação clínica que indica o ponto nodal na existência do filósofo: a relação com o pecado do pai. A partir deste ponto, na medida em que forem explorados, nos mostrará o quanto Lacan lê Kierkegaard como o antecessor direto de Freud.

Lacan se refere a Kierkegaard como “o mais agudo dos questionadores da alma” (LACAN, 1964, 1988c, p. 62) antes de Freud. No tocante à temática em estudo, compara-os nos seguintes termos:

Não mais que em Kierkegaard, não se trata em Freud de nenhuma repetição que se assente ao natural, de nenhum retorno da necessidade. O retorno da necessidade visa o consumo posto a serviço do apetite. A repetição demanda o novo. Ela se volta para o lúdico que faz, desse novo, sua dimensão (LACAN, 1964, 1988c, p. 62).

Em seu seminário sobre a relação de objeto – *Seminário 4* – Lacan (1956-57/1995) também aproxima as concepções de Freud e de

Kierkegaard ao marcar que, em ambos, a repetição é contrária à noção platônica de reminiscência, como observamos no início. No referido Seminário, Lacan introduz a problemática da relação de objeto, examinando, fundamentalmente, se é legítimo dar a esse tema um lugar central na teoria. Nesse sentido, retorna, como de praxe, a Freud, lembrando a insistência do mestre vienense no que segue: “[...] toda a maneira, para o homem, de reencontrar o objeto é, e não passa disso, a continuação de uma tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto a se reencontrar” (LACAN, 1956-57/1995, p. 13). Esse objeto, que é apreendido pela via de uma busca, “[...] corresponde a um estágio avançado da maturação dos instintos [...]. E se trata de “[...] um objeto reencontrado [...] do primeiro desmame, o objeto que foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações da criança” (p. 13). Em seguida, as seguintes observações de Lacan lançam luz na nossa pesquisa:

É claro que uma discordância é instaurada pelo simples fato dessa repetição. Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura (LACAN, 1956-57, p. 13).

Toda a busca de objeto “carrega”, portanto, um elemento essencialmente conflitual, que é efeito de uma distância fundamental entre o que o sujeito busca e o que encontra. Esta é, para Lacan (1956-57/1995), a primeira forma sob a qual aparece, em Freud, a relação de objeto. Assinalamos aqui a marca da diferença que o fenômeno da repetição pressupõe na leitura do mestre francês.

Por essa trilha, Lacan marca as distintas perspectivas acerca da relação sujeito/objeto, estabelecida por Freud, e as concepções precedentes, alicerçadas na noção do objeto plenamente satisfatório, que fundaria o homem numa realidade adequada (LACAN, 1956-57/1964).

Dentre essas concepções, Lacan chama a atenção para a perspectiva platônica, que assenta “[...] toda a apreensão do objeto no reconhecimento, na reminiscência de um tipo, de certo modo, pré-formado” (LACAN, 1956-57, p. 14). É neste ponto que o mestre francês aproxima, de fato, Freud e Kierkegaard, quando sublinha que a noção platônica guarda total distância daquela dada em Kierkegaard sob o registro da repetição. Repetição oposta à reminiscência, visto que sempre procurada e nunca satisfeita. Por fim, acentua que é nesse registro que se situa a noção freudiana da redescoberta do objeto perdido (LACAN, 1956-57/1964).

Oportunas as considerações de Almeida e Atallah (2008) sobre o paradoxo engendrado pela questão da repetição na psicanálise:

[...] o que caracteriza a repetição é não ser de todo uma repetição. (...) [Ela] envolve sempre o fracasso de reencontrar, de fazer surgir *das Ding* (a Coisa), como dizia Freud, *o traço unário*, como o diria Lacan” (KAUFMANN, citado por ALMEIDA; ATALLAH, 2008, p. 212).

A repetição, aliás, se dá justamente pelo caráter de impossibilidade que reveste quaisquer tentativas de alcançar o ponto original pelo desejo. É em ato que o homem se repete. E o faz sempre na busca do objeto perdido da primeira experiência de satisfação (ALMEIDA; ATALLAH, 2008).

Voltemos à distinção, antes comentada, entre duas formas de repetição (do mesmo e diferencial), para salientar que Nietzsche foi, como observa Garcia-Roza (1986), o grande filósofo da repetição diferencial. Interessante sublinhar, antes disso, que a noção de repetição enquanto eterno retorno, utilizada por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920) e atribuída por alguns estudiosos ao filósofo alemão (Nietzsche), tem suas origens nas formulações de Heráclito de Éfeso, por sua vez, um dos primeiros filósofos a problematizar a questão do dinamismo das mudanças que ocorrem na *physis*<sup>9</sup>, como o nascimento, o crescimento e a morte.

Ainda que os estudiosos apresentem interpretações diversas e algumas vezes discordantes dos fragmentos heraclíticos, algumas

---

<sup>9</sup>Para os filósofos pré-socráticos, como é o caso de Heráclito, *physis* é a matéria, que por sua vez é o fundamento eterno de todas as coisas, conferindo unidade e permanência ao Universo.

doutrinas são atribuídas ao filósofo, dentre estas, a doutrina da unidade dos contrários e a teoria do fluxo. Encontramos comentadores que contradizem essa última autoria, sustentando que Platão e Aristóteles a teriam propagado. Contudo, tanto quem a aceita, quanto quem a recusa, fundamenta-se mormente no exame dos fragmentos acerca do rio, sobre os quais há mais de uma versão, sendo, uma delas, aquela que inaugura, em epígrafe, este subcapítulo: *En los mismos ríos entramos y no entramos, [pues] somos y no somos [los mismos]* (DIELS; KRANS, citado por SPINELLI, 2003).

Ainda que não haja unanimidade sobre essa autoria, foi com o aforisma *Panta rei os potamós* (do grego *πάντα ῥεῖ*), traduzido como “Tudo flui como um rio”, que parte da tradição filosófica posterior ao período pré-socrático identificou o pensamento de Heráclito com o tema do devir, em contraposição à filosofia do ser, de Parmênides.

Feita esta digressão, voltemos a Nietzsche – que, como vimos, fundamenta algumas de suas concepções em noções heraclíticas – e à repetição diferencial. Para tanto, busquemos a aproximação acerca do eterno retorno no pensamento do prócer filósofo alemão, visto que os dois pontos (repetição diferencial e eterno retorno) são, aqui, confluente.

Garcia-Roza (1986), ao destacar Nietzsche como o grande filósofo da repetição diferencial, refere que esse fato o torna um pensador trágico por excelência. Esclarece que “trágico aqui é a afirmação do acaso, repetição diferencial de uma afirmação que é um puro devir. Não há trágico no absolutamente novo, o trágico implica a repetição” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 33). O autor complementa que “Também o acaso puro não é trágico, ele é a afirmação primeira, o devir, o puro acontecimento” (GARCIA-ROZA, 1986). Nesse sentido, não é a dor ou a tristeza que definem o trágico, mas a afirmação do acaso, ou, se preferirem, é a afirmação do acontecimento. Vejamos: “A primeira afirmação é o devir [acaso/acontecimento]; a segunda afirmação, que afirma a primeira, afirma o ser do devir [necessidade]” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 33). A repetição de que se trata não é, portanto, uma cópia do primeiro acontecimento, mas sim produtora de diferença (GARCIA-ROZA, 1986).

O que define algo como trágico é o logos (palavra ou interioridade) que se acrescenta ao acontecimento (puro acaso, identificado, por sua vez, ao caos), “que não se trata da interiorização da ordem e da lei. A repetição trágica não é uma negação do acaso, mas a sua própria afirmação constituindo-se como necessidade” (ananke) (GARCIA-ROZA, 1986, p. 33). Foi em Heráclito, antes comentado, que

Nietzsche buscou essa concepção. Considerava-o como o único pensador trágico dentre os pré-socráticos visto que asseverava o devir e o ser do devir, o que corresponderia em termos heraclíticos à *physis* e ao *logos* (GARCIA-ROZA, 1986). A primeira afirmação é devir, porém, uma segunda afirmação deverá haver para que seja ela própria afirmada. Nesses termos, “acaso e necessidade não se opõem, combinam-se numa unidade complexa, sendo a necessidade uma reafirmação do próprio acaso” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 34).

Ademais do fato de termos encontrado uma multiplicidade de interpretações em torno da noção relativa ao eterno retorno, parece-nos que, tanto em Heráclito como em Nietzsche e em Freud, a pressuposição é de que o retorno não é igual e, portanto, a repetição é com diferença. Demanda, de algum modo, o novo, o acaso. Pudemos observar também, mediante sucintos apontamentos, que a análise de Lacan sobre o conceito freudiano de repetição tem como ponto central a mesma questão: a diferença. Contudo, não nos olvidemos de que, como aponta a própria designação do fenômeno, há nele algo de repetição, algo de retorno. Nesse sentido, questionamo-nos: O que retorna? Por que algo retorna? Este é o ponto.

Para a psicanálise, o fenômeno da repetição é uma das dimensões constitutivas do inconsciente, sendo parte da estruturação do sujeito, especialmente pela sua articulação com o conceito de pulsão. Colocamos, desse modo, frente a questões que perpassam tanto a dimensão teórica quanto clínica da psicanálise. A problemática que ele evidencia nos instiga à aproximação acerca de sua natureza e da relação com fenômenos possíveis de serem observados no campo clínico. Nesse sentido, examinaremos o conceito a partir do delineamento teórico estabelecido por Freud nos seguintes textos, consoante especificado no capítulo referente ao Método: *Recordar, repetir e elaborar* (1914); *O Estranho* (1919) e *Além do Princípio do Prazer* (1920), entremendo com ensinamentos do mestre francês estabelecidos especialmente em seminários, tais como: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise – Seminário 2* (1954-1955); *A Angústia – Seminário 10* (1962-1963); *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – Seminário 11* (1964).

Embora os marcos teóricos citados constituam momentos distintos das elaborações sobre o conceito, é possível observar a lógica da repetição em praticamente toda a obra freudiana, uma vez que, apesar de seu primeiro registro oficial datar de 1914, ano em que Freud publicou *Recordar, repetir e elaborar*, notamos a sua presença anteriormente.

Nos *Estudos sobre a histeria*, Freud (1893-95/1996h, p. 234) fala sobre uma “compulsão a associar”. Nessa ocasião, descrevendo o estado psíquico da Sra. Von N.<sup>10</sup>, conclui que em seus momentos delirantes “havia uma limitação da consciência e uma compulsão a associar, semelhante à que predomina nos sonhos [...] as alucinações e ilusões eram facilitadas até o mais alto grau e faziam-se inferências tolas ou mesmo disparatadas”. Destaca ainda uma semelhança entre esses estados delirantes e o ataque histérico: em ambos uma parte das lembranças traumáticas é subjacente ao delírio (Freud, 1893-95/1996h). Mais adiante, tratando das representações inconscientes, no mesmo trabalho, refere que, embora tais representações penetrem raramente e com dificuldade no pensamento vigilante, elas o influenciam. Além disso, “alguns grupos específicos de representações impõem-se constantemente ao paciente **com certo grau de compulsão e ele é obrigado a pensar neles**” (FREUD, 1893-95/1996h, p. 255, grifo nosso).

O termo compulsão é utilizado também em 1894, especialmente em dois momentos: primeiro, em carta dirigida a Fliess (7-2-1894); em seguida, publicamente, no texto *Psiconeuroses de defesa* (1894), onde Freud trata das representações obsessivas, buscando diferenciá-las das manifestações histéricas ou fóbicas. A expressão aduzida é *Zwangsvortellungen*. Para Campos (2008), o termo remete a uma representação coercitiva, sinalizando o esboço da noção de uma repetição constitutiva do funcionamento psíquico, o que, com frequência, é observado nos atos obsessivos e repetitivos que, por sua vez, deram lugar ao termo *Zwangneurose*, ou seja, neurose compulsiva.

Nesse “rastreamento”, digamos assim, das glosas embrionárias sobre a compulsão à repetição em Freud – introdutórias às elaborações específicas sobre o conceito –, nos parecem interessantes alguns achados nesse percurso.

O termo alemão *zwang* nas primeiras traduções de Freud em francês foi transcrito como *compulsion*. Na nova tradução francesa das *Oeuvres Completes*, no entanto, encontramos a palavra *contrainte* (constrangimento) (LOWENKRON, 2009). Para o mesmo autor, se nos limitarmos aos dados históricos, essas duas palavras equivalem-se e remetem-se uma à outra. Essa afirmação é ratificada por Hanns (1996), no *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, onde coloca lado-a-lado

---

<sup>10</sup>Trata-se da Sra. Emmy Von N., pseudônimo de Fanny Moser, paciente de Freud, apresentada nos *Estudos sobre a Histeria*, de 1885. Sobre a paciente, Freud referiu ter utilizado pela primeira vez o método catártico.

os seguintes termos, sugerindo entre eles uma sinonímia: *censure*, *compulsion*, *obsession* e *contrainte*. No entanto, comenta que, tomado isoladamente e no sentido coloquial, *zwang* tem um significado diverso de “obsessão” e “compulsão”, não remetendo nem aos aspectos de fixação, mania e perseguição, compreendidos na palavra obsessão, nem ao aspecto de uma ação irrefreável e incontrolada que brota no sujeito e o faz agir, contido na palavra compulsão.

No tocante aos significados, *zwang*, em português, remete-nos à coação, necessidade, obrigação, constrangimento. No que tange às conotações,

[...] evoca a ideia de encurralar de forma tal que o sujeito só possa agir numa direção. O verbo *zwängen*, do mesmo tronco etimológico, significa comprimir, fazer passar à força, tal qual o suco de uma fruta que, de tão espremido, é obrigado a escoar pelas incisões feitas na casca. O verbo *zwingen* remete à ideia de que, de tão comprimido, o sujeito só pode escapar da pressão, agindo na direção para a qual foi forçado (HANNS, 1996, p. 101-102).

*Zwang* evoca ainda a ideia de “certa alteridade ou externalidade da ‘fonte que pressiona’” (HANNS, 1996, p. 102). Essa fonte de pressão, mesmo localizando-se dentro do sujeito é percebida como provinda de uma parte ou de um objeto interno, “o que produz essa ‘alteridade-externalidade’ dentro do sujeito [algo existe em mim e me força a agir em certa direção]” (HANNS, 1996, p. 102). Hanns (1996) esclarece ainda que, diferentemente de *drang* (pressão) – que evoca “algo que ‘brota do núcleo do sujeito’ e leva o indivíduo a agir maciçamente”, ou seja, sem desejar contrapor-se ao *drang* –, “[...] o *zwang* implica certo estranhamento do ‘eu com o eu’ e é resultado de uma força a qual o sujeito desejaria resistir” (HANNS, 1996, p. 102). Em outras palavras, no *drang* há uma transformação da pressão em vontade, o que não ocorre quando referimo-nos a *zwang*.

Feitos os comentários acerca do termo, salientamos que outro trabalho pré-psicanalítico que evidencia, consoante alguns autores, dentre estes Oliveira e Antonello (2011), a lógica da repetição é *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1893-1995/1996m). O propósito deste trabalho, como sugere o título, constituiu-se em colocar no âmbito científico o que se mostrava na clínica pré-psicanalítica. Sobretudo, as construções acerca da histeria.

O momento histórico que antecede esse manuscrito (o *Projeto*) foi marcado por uma efervescência cultural. A Alemanha, recém unificada à época (1870), transformava-se em um lugar propício para pesquisas psicológicas, visto as inúmeras áreas de conhecimento incluídas na ciência, o que permitia aos pesquisadores da vida mental utilizarem-se dos saberes de diferentes campos da pesquisa (OLIVEIRA; ANTONELLO, 2011). Segundo Schultz & Schultz (1981, citado por OLIVEIRA; ANTONELLO, 2011), a onda de reformas educacionais nas universidades alemãs fez surgir um novo tipo de instituição, onde, diferentemente da clássica universidade europeia, a liberdade acadêmica e a pesquisa passaram a ser os propósitos mestres (OLIVEIRA; ANTONELLO, 2011).

A posição tomada por Freud no *Projeto* é marcada, portanto, pelo *Zeitgeist* da segunda metade do século XIX, que configura uma oposição “entre as ciências do espírito ou morais (*Geistwissenschaften*), que visam compreender, e as ciências naturais (*Naturwissenschaften*) que procuram explicar” (GABBI JUNIOR, 2003 citado por OLIVEIRA; ANTONELLO, 2011, p. 2). Nessa linha, Freud apresenta de forma empírica o funcionamento da mente humana, fundamentando-se, especialmente, na física de sua época. Segundo Oliveira e Antonello (2011), embora as elaborações de Freud tenham sempre transcendido o modelo neurológico corrente, não se restringindo ao modelo científico, esse ir além da psicologia como uma ciência natural fez com que o *Projeto* apresentasse uma importante contribuição metapsicológica, contendo alguns germens de conceitos retomados e desenvolvidos posteriormente, dentre estes o de repetição, que não é abordado como conceito, mas é tematizado enquanto questão.

Freud (1893-1995/1996m), no *Projeto*, andava às voltas com a ideia de facilitação (*Bahnung*), considerada como o embrião da noção de compulsão à repetição, visto que abria caminho para essa lógica que obedecia, por sua vez, à lógica do princípio do prazer: a tendência a se percorrer um caminho já percorrido. Essa tendência dever-se-ia, em última análise, à facilitação que, por sua vez, diminuiria a resistência (KAUFFMANN, 1996).

Concluindo esse “rastreamento” acerca da lógica da repetição no início da construção do edifício teórico da psicanálise, é importante lembrar que tal lógica estava presente, tacitamente, na abordagem inicial freudiana e breueriana da histeria, especialmente em suas referências sobre a rememoração de um sofrimento moral ligado a um antigo trauma. Em outras palavras, o sintoma representava a insistência, o apelo daquilo que não podia ser dito de outra maneira. Mormente, a

lógica da repetição está na conclusão de Freud que resultou em repisado aforismo, segundo o qual é de reminiscências que sofrem os histéricos (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A seguir, alguns apontamentos a partir dos textos indicados no início deste subcapítulo, os quais abordam a repetição mais diretamente.

#### **4.4.1 Quando a recordação falha: sobre o texto *Recordar, repetir e elaborar***

Como antes referido, é em 1914, em *Recordar, repetir e elaborar*, que Freud “oficializa”, de certa maneira, o fenômeno da repetição na Teoria Psicanalítica. Um dos aspectos marcantes desse texto é que representa uma “virada” no sentido de que, a partir de então, Freud (1914/1996n) examina sob outro enfoque a questão relativa ao recordar. Somente mais adiante, contudo, é que sobrevém maior clareza sobre a impossibilidade de uma recordação completa de um fato ou fenômeno, sua dimensão e efeitos.

Iniciamos o estudo desse texto plagiando o mestre vienense quando diz que não é desnecessário lembrar algumas das importantes alterações ocorridas na técnica psicanalítica desde o seu início. Apresenta, a partir daí, com muita precisão, o seu trabalho clínico. Recorda-nos os primeiros passos da psicanálise, com o método catártico de Breuer, onde se buscava persistentemente a reprodução dos processos mentais envolvidos no momento da formação do sintoma, quando o objetivo era recordar e ab-reagir, descarregando pelo caminho da atividade consciente o que fora reprimido. Em um segundo momento, com o abandono da hipnose, a direção do trabalho de análise focalizava na descoberta sobre o que o analisante deixava de recordar. Utilizava-se, para tanto, a associação livre. O interesse, como se vê, permanecia voltado às situações anteriores, assim como àquelas que concorriam para a formação do sintoma. A ab-reação, nesse momento, parece ter sido substituída pelo trabalho no sentido de superar a censura e permitir-se associar livremente (FREUD, 1914/1996n). Finalmente, destaca Freud, desenvolveu-se uma técnica onde o analista não focaliza em momento ou questão específica do analisante, mas busca escutar tudo o que aparece na superfície da sua mente, utilizando-se da interpretação para identificar e tornar conscientes as resistências do analisante. A divisão do trabalho, então, assim se estabelece: “o analista revela as resistências que são desconhecidas ao analisante; quando estas tiverem sido vencidas, ele [o analisante] amiúde relaciona as situações e vinculações esquecidas sem qualquer dificuldade” (FREUD, 1914/1996n, p. 163). Os objetivos das técnicas, no entanto, permaneceram os mesmos até aí:

preencher lacunas na memória e superar resistências devidas à repressão. Nessa trilha, Freud (1914/1996n), assinala as diferenças operacionais das duas formas de tratamento experimentadas em sua prática, as quais proporcionaram a gênese da psicanálise: a hipnose e a clínica propriamente analítica, fundada nas associações livres.

Deve-se salientar, com Almeida e Atallah (2008), que, quando Freud (1914/1996n, p. 163-164) se refere aos tratamentos hipnóticos como processos de recordar que assumiam formas simples, onde o paciente “se colocava em uma situação anterior que parecia nunca se confundir com a atual”, fornecendo a partir daí um relato dos processos mentais pertencentes a tal situação, revela-se uma relação intrínseca entre a prática hipnótica e a recordação enquanto uma reprodução de uma situação passada. Aliás, esta é uma observação de Lacan no *Seminário 11*. Para Almeida e Atallah (2008), reprodução, recordação e rememoração se apresentam, no trabalho de 1914, como sinônimos do mesmo acontecimento psíquico observado na prática hipnótica. Repetir, em última instância, seria uma maneira de recordar.

Na sequência do texto, Freud aborda a questão do “esquecimento” acerca de impressões, cenas ou experiências vividas pelos sujeitos, estabelecendo o expressivo valor das lembranças encobridoras para o trabalho de análise: “Elas representam os anos esquecidos da infância tão adequadamente quanto o conteúdo manifesto de um sonho representa os pensamentos oníricos” (FREUD, 1914/1996n, p. 164). Em seguida, Freud comenta sobre um novo tipo de acontecimento que, sob a nova técnica, tem observado. Segue-se, então, a célebre nota que, embora tenha sido citada na introdução deste texto – e que consta também no pós-escrito à análise do historial de Dora –, vale ser relançada: “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo” (FREUD, 1914/1996n, p. 165). Alguns exemplos dessas repetições são sublinhados pelo mestre:

[...] o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico. Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixase de que não consegue ter sucesso em nada e

assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. Não se recorda de ter-se envergonhado intensamente de certas atividades sexuais e de ter tido medo de elas serem descobertas; mas demonstra achar-se envergonhado do tratamento que agora empreendeu e tenta escondê-lo de todos. E assim por diante (FREUD, 1914/1996n, p. 165-166).

Sobre o silêncio do analisante diante da regra fundamental colocada pelo analista, Freud (1914/1996n, p. 166) aponta também como uma repetição, neste caso, “de uma atitude homossexual que se evidencia como uma resistência contra recordar alguma coisa”. Refere-se ao fato como uma compulsão à repetição da qual não há como fugir.

Como sugere Eizirik (2009), Freud, nesse trabalho, começa a referir-se sobre a compulsão à repetição como um objeto autônomo de sua reflexão. Identifica a permanência dessa compulsão nas suas análises e a ligação que tem com a transferência, mesmo não constituindo a totalidade desta: “[...] a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição [...]” (FREUD, 1914/1996n, p. 166).

Embora Freud (1914/199n, p. 166) sublinhe ser a repetição “uma transferência do passado esquecido não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual [...]”, o que está em cena neste texto é especialmente a repetição em transferência, que é tomada, como já salientado, enquanto uma forma de o paciente recordar, após as resistências terem sido levantadas. Quanto maior a resistência do analisante, mais difícil a recordação e maiores as possibilidades de repetição.

A elaboração de que trata o texto em comento é, portanto, das resistências. Primeiro a elaboração para então a superação. Esse ponto é importante destacar: para Freud havia a possibilidade de uma “superação”. Ele adverte sobre a dificuldade desta tarefa tanto para o analisante quanto para o analista, no entanto, não deixa de observar a sua importância: “[...] trata-se do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão (FREUD, 1914/1996n, p. 171). Por fim, Freud compara esse trabalho com a ab-reação do afeto estrangulado pela repressão. Efeito sem o qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz. Essa observação parece-nos indicar que, ao mesmo tempo em que Freud, nesse trabalho, contrapõe recordação e repetição, na medida em que as diferencia, também as correlaciona, quando apresenta a

transferência enquanto um fragmento de repetição que possibilita o mesmo acontecimento psíquico observado na prática hipnótica. A transferência possibilita, após a superação das resistências, a recordação. A repetição é, segundo Freud (1914/1996n), a maneira de o analisante recordar.

Como se vê, a caracterização da repetição, nesta oportunidade, é relacionada com os conceitos de transferência, resistência e atuação. Além disso, como referimos inicialmente, o recordar é examinado sob um novo enfoque, permanecendo, no entanto, o seu caráter fundamental que aponta para a reprodução em ato de uma situação passada.

#### 4.4.2 Quando o familiar torna-se estranho

*Das Unheimliche*, escrito retomado por Freud em 1919, consoante nota do editor inglês das *Obras Completas*, trata-se de um trabalho com destaque nos campos da linguística, da crítica e dos estudos literários, da filosofia e da estética em geral, mais do que no próprio campo psicanalítico (MARTINI; JÚNIOR, 2010). Para os mesmos autores, há certa dificuldade em classificá-lo na obra freudiana entre uma vertente clínica e outra metapsicológica, restando-lhe um lugar difuso que alude à cultura em geral. É constantemente tomado como alegoria do retorno do recalcado, no entanto, seu destino um tanto errático revela, para Martini e Júnior (2010), um valor que é subutilizado nas rodas psicanalíticas. Esta posição, contudo, não é corroborada pelos psicanalistas freudo-lacanianos. Tanto é assim que alguns autores, dentre estes Viola (2009), afirmam que o texto em questão se configura numa obra *sui generis* no conjunto bibliográfico freudiano, pelas seguintes especificidades:

[...] por conciliar, em uma mesma argumentação, uma rigorosa investigação etimológica, o exame de fragmentos literários e teatrais, episódios extraídos do tratamento de pacientes e, até mesmo, experiências pessoais. Tudo isso examinado à luz do suporte teórico psicanalítico, mas seguindo um viés que privilegia a questão estética. O artigo O estranho é, sem dúvida, uma grande obra deixada por Freud (VIOLA, 2009, p. 881).

Lembramos que, para Freud, a estética é entendida como “a teoria das qualidades do sentir” (FREUD, 1919/1996h, p. 237) e concordamos

com Brepohl (2012, p. 16) quando refere que “uma elaboração psicanalítica que trata de um fenômeno estético deve ter como eixo central a questão afetiva”.

Para Lacan, *O estranho* é o texto *princeps* sobre a angústia, portanto, trata-se de um texto eminentemente clínico, apesar (ou especialmente) de seus meandros estéticos. É a partir desse trabalho que Lacan desenvolverá suas formulações sobre a angústia e a passagem-ao-ato, entre outros importantes temas trabalhados no *Seminário 10 – A angústia*. Ressaltamos que, sobre a problemática da angústia, o mestre francês já havia dedicado uma lição em *O Seminário, Livro 9: A Identificação*, entretanto, é naquele que sistematiza um saber vinculando esse afeto (angústia) ao objeto *a*. Retomaremos este enunciado em seguida, após algumas notas sobre *Unheimlich*. Antes, salientamos que a angústia, em Lacan, é o sinal do direcionamento da cura do analisante. É, portanto, como uma “orientação” que aponta para aquilo de mais estranho (*unheimlich*) na experiência analítica. Esse “mais estranho” é, ao mesmo tempo, aquilo de mais íntimo do analisante: a sua extimidade. É um “sinal” (LACAN, 1962-63/2004, p. 185) do que é evitado, ao tempo em que revela algo da verdade relativamente ao desejo do Outro, operando no sujeito. É o “afeto que não engana” (LACAN, 1962-63/2005, p. 88) – por indicar de onde procede o desejo – possibilitando, nesse sentido, a orientação do analista. Cabe aos analistas, dosar, na medida do possível, a angústia do analisante.

No tocante à menção feita à verdade, não contemplaremos as vicissitudes desse tema no pensamento lacaniano, as quais são desenvolvidas nos seminários seguintes. Trata-se aqui da verdade como oposição ao engodo, conforme a afirmação de Lacan (1963-62/2005, p. 245) no sentido de que o desejo é ilusão e que isso “só pode ser uma referência ao registro da verdade”. Vamos a Freud (1919/1996h).

Freud (1919/1996h), inicialmente, revela sua preocupação em esclarecer ao leitor os significados, inclusive em diversas línguas, da expressão *unheimliche*. Assim o faz por verificar que a definição que resulta da equação estranho = não familiar, resta incompleta. E, a esse respeito, termina por concluir no sentido da inexistência em muitas línguas de uma palavra para a particular nuance do que é assustador.

Sendo o contrário de *heimlich* que remonta ao que é conhecido, familiar, caseiro, habitual, íntimo, ligado ao *Heim* (lar, lugar aconchegante) e a *Heimat* (terra natal), *das unheimliche* é o não conhecido, que provoca uma sensação difusa de medo e de horror (BREPOHL, 2012). No entanto, “Schelling diz algo que dá um novo esclarecimento ao conceito do *unheimlich*, para o qual certamente não

estávamos preparados” (FREUD, 1919/1996h, p. 239). Para aquele autor, o efeito de *unheimlich* surge quando o que deveria ficar oculto sobressai.

Podemos dizer, com Martini e Júnior (2010, p. 4),

[...] que a razão de ser do texto de Freud apoia-se numa ambiguidade linguística que produz um curioso efeito: *heimlich*, que quer dizer familiar, também significa algo secreto e oculto, o que, paradoxalmente, torna essa palavra próxima de seu oposto, *unheimlich*.

O estranho é, portanto, “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1919/1996h, p. 240). Mas como isso é possível e em que circunstâncias algo familiar pode tornar-se estranho e assustador é o que se propõe a investigar o mestre vienense ao longo do texto.

Freud (1919/1996h, p. 244) lança mão de alguns exemplos do fenômeno, inclusive da literatura, para aproximar o leitor de sua teoria acerca do *unheimlich*. No conto *O Homem de Areia*, de E. T. A. Hoffmann, Freud (p. 251), que considera o referido autor como “o mestre incomparável do estranho na literatura”, relaciona as experiências de estranhamento do protagonista com traumas sofridos na infância, especialmente, vê uma ligação estreita entre a angústia (do personagem) de perder os olhos e o complexo de castração do período edípico. A partir daí, considerando que se pode tomar um fator infantil como responsável por sentimentos de estranheza, Freud (1919/1996h) parte para a verificação dessa noção em outros exemplos que envolvem o estranho.

O efeito do *unheimlich* é conseguido por Hoffmann em outros trabalhos através da utilização do duplo nos seus muitos tipos de formações, como na identificação, na duplicação do eu, na divisão do eu, na troca do eu e no constante retorno do igual nos personagens em sucessivas gerações. Este retorno do mesmo, que pode aparecer na repetição de um número ao qual se atribui um significado, tem origem, para Freud (1919/1996h), em uma compulsão à repetição para além do princípio do prazer. Essa compulsão se sobrepõe às outras pulsões e aquilo que a evoca é sentido como íntimo-estranho.

A conclusão de Freud acerca dessa relação duplo/estranho é a seguinte:

Após haver assim considerado a motivação *manifesta* da figura de um ‘duplo’, porém, temos que admitir que nada disso nos ajuda a compreender a sensação extraordinariamente intensa de algo estranho que permeia a concepção; e o nosso conhecimento dos processos mentais patológicos permite-nos acrescentar que nada, nesse material mais superficial, podia ser levado em conta na ânsia de defesa que levou o ego a projetar para fora aquele material, como algo estranho a si mesmo. Quando tudo está dito e feito, a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o ‘duplo’ ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado - incidentalmente, um estágio em que o ‘duplo’ tinha um aspecto mais amistoso. O ‘duplo’ converteu-se num objeto de terror, tal como após o colapso da religião, os deuses se transformam em demônios (FREUD, 1919/1996h, p. 248).

Freud, ao referir sobre outras formas de perturbação do ego, exploradas por Hoffmann e avaliadas pelos mesmos parâmetros do fenômeno do duplo, refere à dificuldade em isolar e determinar a participação de fatores – como a regressão do ego a um período de indistinção relativamente ao mundo externo e a outras pessoas – na impressão de estranheza experimentada pelos sujeitos. E complementa referindo que talvez a repetição da mesma coisa não se configure para todos como uma sensação estranha, mas somente quando sujeita a determinadas condições e combinada com circunstâncias específicas, quando, aliás, provoca ainda a sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos. Essa noção é ilustrada por Freud (1919/1996h) por meio da narrativa de um pequeno episódio autobiográfico onde experimenta a mencionada sensação: certa feita, em visita a uma cidadezinha italiana, em uma tarde quente de verão, caminhava sozinho e a esmo, quando descobriu estar em uma área assim descrita:

Encontrei-me num quarteirão sobre cujo caráter não poderia ficar em dúvida por muito tempo. Só se viam mulheres pintadas nas janelas das pequenas casas, e apressei-me a deixar a estreita rua na esquina seguinte. Mas, depois de haver vagado algum tempo sem perguntar o meu

caminho, encontrei-me subitamente de volta à mesma rua, onde a minha presença começava agora a despertar atenção. Afastei-me apressadamente uma vez mais, apenas para chegar, por meio de outro *détour*, à mesma rua pela terceira vez. Agora, no entanto, sobreveio-me uma sensação que só posso descrever como estranha, e alegrei-me bastante por encontrar-me de volta à *piazza* que deixara pouco antes, sem quaisquer outras viagens de descoberta [...] (FREUD, 1919/1996h, p. 254).

Além desse episódio, Freud refere outros, cuja marca é o efeito de estranheza e desamparo advindos da repetição. Em seguida, menciona um trabalho, já concluído, que trata do tema em detalhes, contudo, consoante suas palavras, trata-o numa relação diferente:

[...] é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente das pulsões e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões - uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho (FREUD, 1919/1996h, p. 255-256).

O trabalho ao qual se refere o mestre vienense é *Além do Princípio do Prazer* (1920), que será objeto de nosso estudo em seguida.

Vale sublinhar que a contribuição de *Unheimlich* para o presente trabalho consiste na noção de que as condições que promovem o aparecimento do estranho encontram-se intimamente relacionadas ao retorno de um conteúdo reprimido. A estranheza, para Freud (1919/1996h), advém do retorno em si e da secreta familiaridade do que acontece, indicando que não há uma alienação do sujeito relativamente ao fenômeno, mas sim o afastamento do material que o provoca, pela repressão. Essa combinação que funde estranho e conhecido – que, por

sua vez, deveria manter-se oculto, mas retornou – é consonante com a ambiguidade etimológica das palavras *unheimlich/heimlich*, como antes mencionado. Ambiguidade que resulta do fato de a primeira ser o oposto da segunda e também um de seus significados. Nuance semântica que se configura como o primeiro passo de Freud no sentido de desvendar o fenômeno do estranho. Segundo Charmoille (2001), Freud propõe o prefixo *un*, do termo alemão *un-heimlich*, como a marca do recálque. Para Charmoille, a concepção teórica de Freud coloca o objeto da transferência entre o fantasma e a realidade. Esse objeto foi designado por Lacan como objeto *a*, lugar do analista, que, como *écran* do inconsciente, vai permitir que a estranheza possa ser trabalhada.

Vale salientar o fato de a presente discussão ocorrer no momento em que Freud está na iminência de uma guinada epistemológica, cujos efeitos marcam definitivamente o curso da construção teórica que se estabelecia. Como antes referido, é o próprio inventor da psicanálise quem refere acerca da conclusão, já nessa época, do texto *Além do princípio do prazer* (1920). Nesse sentido, é válido concluir, com Viola (2009), que aquilo que incita a pesquisa sobre o estranho está, de algum modo, relacionado à tese central defendida em *Além do princípio do prazer*, ou seja, a tese que apresenta o dualismo pulsional, que, por sua vez, considera uma oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte, sendo esta última relacionada ao campo do arcaico, do primitivo, do além do princípio de prazer. Considerando que o estudo sobre o estranho tem como cerne essa nova noção, supõe-se que se trata de um fenômeno que diz respeito ao que existe de mais primitivo no psiquismo (VIOLA, 2009).

Retomando a leitura lacanina do *Unheimlich*, destacamos que o autor revela haver nos contornos desse texto mais do que Freud disse. É pela articulação *Unheimlich*/angústia, que, conforme mencionamos acima, Lacan introduz o objeto *a*, noção crucial no seu ensino, esforçando-se para demonstrar sua posição na constituição do sujeito.

Cabe lembrar que o objeto *a* diz respeito aos primeiros objetos investidos pelo sujeito, por sua vez anteriores à constituição do objeto comum, comunicável. Esses objetos são representados pelo seio, as fezes, o olhar e a voz.

Podemos observar que, nas coordenadas do *Unheimlich*, Lacan (1962-63/2005) define a angústia como o estranho da presença do desejo do Outro. Ainda que parcamente, busquemos explorar esta definição na medida do suficiente para lançar luz na problemática da pesquisa. Os temas relativos à angústia e ao desejo, assim como ao gozo e à pulsão, são assinalados em momentos oportunos em razão da

articulação própria que apresentam com o conceito de repetição. Tal articulação, que deverá restar mais esclarecida no decorrer do texto, remete-nos ao inassimilável da linguagem que, sendo próprio da constituição do sujeito, engendra os fenômenos cujos conceitos estudados procuram cingir. Voltemos à letra lacaniana.

O sujeito, para advir enquanto tal, lança mão de uma operação – termo utilizado por Lacan, assim como por outros pesquisadores psicanalistas – por meio da qual visa encontrar uma resposta simbólica a partir de seus recursos. Um parêntese aqui para uma pontuação que não pode ficar de fora. Para Lacan (1998b, p. 278), o homem fala pelo fato de o significante o ter feito homem, ou seja, por ser constituído pela linguagem, que, como sabemos, é simbólica. O significante, por sua vez, pode ser entendido como a palavra que, separada do objeto, separa o pensamento da imagem concreta, podendo assim a mesma palavra representar vários objetos. Nessa linha, a palavra não tem apenas um significado, mas ao revés, Lacan assevera que “atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado” (LACAN, 1998b, p. 278). Encerrado o parêntese, voltemos à operação antes mencionada que visa à simbolização. Dessa “manobra” do sujeito<sup>11</sup> algo fica de fora. Ou seja, por não ser passível de simbolização, esse algo não se desloca na cadeia significante, restando. E é assim mesmo que Lacan o define: como um resto. Um resto que, sendo do sujeito, se presentifica sob a forma de uma incessante divisão. Esse resto é o que Lacan designa objeto *a*, ou objeto causa de desejo. O sujeito é dividido porque perde, separa-se deste objeto para se constituir. A angústia, por sua vez, aparece justamente quando algo desse resto é tocado. Em outras palavras, quando algo disso vem à tona. Daí a ideia da angústia como sinal, concepção encontrada tanto em Freud como em Lacan.

Muito resumidamente, podemos dizer que, na concepção lacaniana, diferentemente da freudiana, a angústia não se apoia em nada. Para Freud, a metapsicologia sobre a angústia gravita em torno de um

---

<sup>11</sup> Na concepção lacaniana, portanto, o sujeito é “o que o significante representa, e este não pode representar nada senão [o sujeito] para um outro significante” (LACAN, 1998g, p. 849). Desse modo, o sujeito constitui-se a partir do significante e, ao falar, só pode se expressar dentro de uma cadeia significante, de uma repetição significante, que é a sua própria estrutura, visto que é efeito dessa cadeia. Eis a alienação simbólica a qual está submetido o sujeito falante, ainda que essa submissão resulte de sua própria escolha.

objeto, especialmente a partir de *Inibição, sintoma e angústia*, onde aparece como “[...] uma reação a uma situação de perigo” (FREUD, 1925/1996j, p. 128). A perda do objeto e sua busca permanente é o que levou Freud forjar o que ele denomina de rochedo da castração: “Nos casos que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo que remonta à castração” (p. 128). Para Lacan, trata-se da inexistência de um significante que, mais do que do Outro, é da falta do Outro. Nesse sentido, a angústia, a partir de Lacan (1962-63/2005), é uma maneira (maneira um tanto radical) sob a qual a relação do sujeito com o desejo é mantida. A angústia é sinal do real, visto chamar-se assim, lacanianamente, o que não é passível de simbolização. Desse modo, é um afeto que medeia o desejo e o gozo do sujeito, sendo a própria relação estabelecida entre o inconsciente e o real.

A partir dessas coordenadas, há um reordenamento das fronteiras que norteiam a prática clínica de orientação lacaniana, que passa a operar com a concepção de desejo cuja causa, como vimos, é o objeto *a*.

Vale, neste íterim, uma nota sobre o gozo, já que a incursão de Lacan no campo da angústia e sua formulação do objeto *a* traz a lume a questão do gozo, problematizado, a partir daí, por meio de elaborações cada vez mais complexas e intimamente relacionado ao conceito de repetição. Nesse primeiro contexto, no entanto, o gozo é tomado “simplesmente” como contrário à ordem significante, ou seja, o que não é simbolicamente capturado, restando fora da cadeia da linguagem. Cabe destacar que a noção de objeto perdido – que permanece um eixo fundamental em toda a obra lacaniana – é central nesse momento: o gozo é apreendido na dimensão da perda, ou seja, é em função de uma perda que há um gozo a ser repetido. Em outras palavras, um resto a ser recuperado. Ou seja: repete-se aquilo que não é simbolizado, a fim de que algo nesse movimento da repetição se recupere enquanto sentido. Sentido este que a linguagem não cobriu ou não conseguiu representar.

Lembramos que, desde *O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan articula repetição e perda do objeto, referindo que Freud apresenta, pela via da repetição, uma dimensão da experiência humana que implica a conquista e a estruturação do mundo num esforço de trabalho. Vejamos:

Na medida em que o que se apresenta a ele só coincide parcialmente com aquilo que lhe proporcionou satisfação, o sujeito se põe em busca e repete indefinidamente sua procura até reencontrar este objeto. O objeto se encontra e se

estrutura pela via da repetição – reencontrar o objeto, repetir o objeto. Só que nunca é o mesmo objeto que o sujeito encontra (LACAN, 1992, p. 131-132).

No tocante à distinção entre a concepção freudiana de objeto como coisa para sempre perdida – *das Ding*, o objeto perdido da espécie humana – e o conceito lacaniano de objeto *a* – objeto perdido da história de cada sujeito –, ensina Coutinho Jorge (2010, p. 142):

O objeto perdido da história de cada sujeito, objeto *a*, pode ser reencontrado nos sucessivos substitutos que o sujeito organiza para si em seus deslocamentos simbólicos e investimentos libidinais imaginários. Mas nesses reencontros, por trás dos objetos privilegiados de seu desejo, o sujeito irá se deparar deforma inarredável com a *Coisa perdida* da espécie-humana; o que significa que se trata sempre, nos reencontros com o objeto, da repetição de um ‘encontro faltoso com o real’, maneira pela qual Lacan define a função da ‘tiquê’, que vigora por trás do ‘autômaton’ da cadeia simbólica. Assim, há uma diferença que necessita ser relevada entre estrutura e história, ou dito de outro modo, entre a pré-história e a história. Nos termos freudianos, trata-se da distinção entre a filogênese e a ontogênese, distinção que Freud sempre manteve viva em sua obra e que parecia poder enriquecer, para ele, uma concepção científica do inconsciente. Tal distinção, aplicada no contexto da relação de objeto, é aquela entre *das Ding* e o objeto materno.

A citação de Coutinho Jorge (2010) toca um ponto importante da pesquisa, mencionado na apresentação do tema, e que será retomado adiante: as formulações lacanianas que distinguem dois momentos da repetição, designados como tiquê e autômaton.

Ainda sobre a problemática do gozo, que requer algumas notas a mais sobre o desejo, resgatemos a ficção de Lacan, utilizando-se da metáfora do louva-a-deus, em *O Seminário – Livro 10*, para elucidar acerca do enigma do desejo do Outro como gerador da angústia:

Suponham-me em um recinto fechado, sozinho com um louva-a-deus de três metros de altura. É uma boa proporção para que eu tenha a altura do louva-a-deus macho. Além disso, estou vestindo a roupa de um louva-a-deus de 1,75m, mais ou menos a minha altura. Eu me olho, miro minha imagem, assim fantasiado, no olho facetado do louva-a-deus. É isto a angústia? Esta bem perto. [...] Trata-se propriamente da apreensão pura do desejo do Outro como tal, uma vez que justamente ignoro minhas insígnias, pois estou ridiculamente vestido com a mortalha do varão. Não sei o que sou como objeto para o Outro (LACAN, 1962-63/2005, p. 39).

Como já elucidado, diferentemente de Freud – cuja ideia é de um obstáculo intransponível para a angústia, como podemos observar no caso do pequeno Hans (seu pai), ou no rochedo da castração –, em Lacan há um não saber, também intransponível, sobre a falta do Outro. A angústia seria a falta da falta do Outro. Ou seja, frente à inexistência de um saber sobre a falta do Outro, ao tempo em que acredita que o Outro quer alguma coisa, o sujeito se angustia. Nesse sentido, a angústia está concentrada no enigma do sujeito no campo do Outro.

A angústia, Lacan nos diz, leva-nos a pensar na incidência da falta. A angústia emerge quando a falta vem a faltar e o objeto causa do desejo, que deveria ficar oculto, torna-se visível.

Percebe-se, neste ponto, avanço no saber sobre a angústia a partir da leitura lacaniana. E esse fato é que possibilita alcançar as concepções de gozo e de desejo no campo da angústia, ou seja, a constituição do desejo pelo ultrapassamento da angústia (LACAN, 1962-63/2005). Convém esclarecer que a nossa aproximação em relação a esses conceitos deve-se à ligação que têm com a problemática da repetição.

A partir da leitura de *Inibição, sintoma e angústia* (1926), texto de Freud antes comentado, Lacan assinala, em seu seminário sobre a transferência, que há uma implicação do desejo na constituição da angústia. Literalmente:

[...] o sinal de angústia tem uma ligação absolutamente necessária com o objeto do desejo. Sua função não se esgota na advertência de ter que fugir. Ao mesmo tempo em que realiza esta

função, o sinal mantém a relação como objeto de desejo (LACAN, 1960, p. 352).

É, no entanto, no *Seminário 10* que Lacan (1962) formula a noção de angústia entre o desejo e o gozo. Observa nessa oportunidade que o objeto de um (desejo) e de outro (gozo) é o mesmo: o objeto *a*. A angústia é fixada no desejo do Outro, uma vez que não sabemos que objeto *a* somos relativamente ao desejo do Outro. Lembrando que, como vimos anteriormente, o objeto *a* é a lacuna, o vazio que resta da operação simbólica. Daí a suposição imaginária do sujeito acerca do lugar que ocupa no desejo da mãe, o que constituirá o seu fantasma. Sem maiores incursões no tema do fantasma, vale lembrar as seguintes observações de Quinet (2004, p. 171): “A fantasia [fantasma] fabrica, ao mesmo tempo, a ilusão de uma relação de completude do sujeito com o objeto – apesar de seu duplo aspecto de conjunção e disjunção – assim como a ilusão de completude do Outro”. O autor conclui, ratificando: “A fantasia [fantasma] é o quadro que o sujeito pinta para responder ao enigma do desejo do Outro; é a sua forma de tapar cenicamente o furo no Outro que lhe retorna como castração” (QUINET, 2004, p. 170).

Ainda sobre a angústia entre o gozo e o desejo, assinala o mestre francês: “Falei da angústia enquanto termo intermediário entre o gozo e o desejo, na medida em que é, ultrapassada a angústia, que o desejo se constitui” (LACAN, 1962, p. 215). Ou seja, é em função do desejo do Outro, enquanto falta, que o objeto *a* aparece como construção do sujeito.

Harari (1997) observa que o objeto *a* é o que se designou como a-Coisa, ou seja, o desejo do Outro enquanto exigência de que o sujeito apague seus limites, desfazendo-se. Esta seria a expressão máxima do gozo, que vai se atrelar, de uma forma ou de outra, ao círculo repetitivo da compulsão à repetição, que vem a lume no sintoma.

Ainda para Harari (1997), o pano de fundo do *Seminário 10* é a noção de que a angústia aparece como sinal quando se estreitam as distâncias entre o gozo e o desejo: a angústia sinaliza a posição do sujeito frente ao desejo do Outro, impõe-se como fenômeno de borda. Aplacá-la de imediato impediria, assim, que ela exercesse sua função de alerta.

Tendo em vista os meandros deste percurso, que não nos conduzem à abordagem direta da problemática da pesquisa, mas nos proporcionam a aproximação de noções teórico-clínicas fundamentais, cabe destacar: o sujeito é marcado por uma falta, própria e necessária à

sua constituição. Nessa linha, resumem Aguiar e Torezan (2011, p. 539):

Então, no cerne do desejo, está a falta, pois ela é o que continua presente em referência ao objeto perdido e, decididamente, dá ao desejo o estatuto de inconsciente e, portanto, estrangeiro ao eu. A essa ideia freudiana do desejo inconsciente e que tende à realização, Lacan articulou a proposição filosófica fenomenológica do desejo baseado no reconhecimento, no qual o desejo humano é desejo de desejo do Outro. Grosso modo, para a psicanálise, o que o homem deseja é ser reconhecido pelo desejo do outro, ser amado, desejado pelo outro, estando a noção de desejo atrelada a de um vazio infundável, para o qual não há objeto que lhe dê cabo.

O vazio infundável é a própria falta. Essa falta que engendra todos os fenômenos por meio dos quais um sujeito pode se constituir. Os conceitos estudados até aqui procuram cingir tais fenômenos.

#### **4.4.3 A repetição, além do princípio do prazer**

Freud retoma, em *Além do princípio do prazer* (1920), algum conteúdo trabalhado em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), especialmente quando estabelece a especificidade da compulsão à repetição: o fato de sua ocorrência assumir diferentes modos, sem, no entanto, consciência por parte do sujeito relativamente ao conteúdo similar que atravessa essa recorrência. Contudo, neste trabalho, o mestre vienense vai muito além. Empreende seus esforços no sentido de examinar de que modo essa compulsão a repetir se relaciona com o princípio de prazer. E, sim, afirmamos que é muito além, uma vez que o princípio de prazer, na construção do edifício psicanalítico, tratava-se até então do fenômeno regente de todo o funcionamento psíquico.

Freud aborda, inicialmente, os sonhos nas neuroses traumáticas, assinalando o fato de se tratarem de uma recondução do neurótico à situação traumática. Faz sobressair aí a instigante peculiaridade do fenômeno da repetição, que promove a reedição, na vida psíquica, de experiências desagradáveis. É, no entanto, por meio da observação de uma das brincadeiras de seu neto, que as indagações suscitadas por aquela primeira repetição observada – dos eventos traumáticos –

ganham contornos mais precisos. Tratava-se do *fort-da*: jogo cujo principal conteúdo era o desaparecimento e o retorno de um objeto. A observação foi em relação à prática do garoto, de aproximadamente um ano e meio, que a executava sempre que sua mãe (filha de Freud) saía de casa. Muito resumidamente, podemos explicá-lo da seguinte forma: a criança, ao arremessar um carretel de madeira com um cordão amarrado em sua volta para fora e para baixo da cama, dizia “óóóó”, som associado por Freud ao *fort* alemão (ir embora); em seguida, o carretel era puxado novamente para fora da cama, quando então a saudação era feita por meio da expressão *da* (aí) (FREUD, 1920/1996a).

A primeira interpretação de Freud relativamente ao jogo do neto foi acerca da renúncia pulsional havida a cada vez que a mãe afastava-se. Não havia nenhuma reação de protesto por parte do garoto nessas ocasiões. O que se passava era uma espécie de compensação, onde a criança encenava, por ela mesma, o desaparecimento e a volta dos objetos ao seu alcance. Freud também faz referência ao fato de se tratar de uma pulsão de domínio que compele a criança a assumir um papel ativo frente à experiência passiva de ser deixada pela mãe, o que revelaria a expressão de uma pulsão hostil como um evento mais primário na vida psíquica e independente do princípio do prazer. Podemos considerar ainda a possibilidade de repetição do evento desagradável como uma mera pré-condição para que se reproduzisse o prazer imaginário ligado ao retorno da mãe. Contudo, apesar dessas conjecturas, Freud chama a atenção para o fato de o primeiro ato, o da partida (arremesso do carretel), ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais frequência do que o episódio na íntegra, com seu imaginário final aprazível. Esta constatação freudiana vem reforçar a leitura de Lacan sobre o jogo da criança articulado com a instituição da falta. Daí formula a seguinte questão: “A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer?” (FREUD, 1920/1996a, p. 26). Eis o que é exaustivamente examinado pelo mestre no contexto da compulsão à repetição nas neuroses, já que sinaliza o fato de a repetição, em si mesma, constituir um princípio mais “primitivo, mais elementar, e mais pulsional do que o princípio do prazer que ela domina” (FREUD, 1920/1996a, p. 34).

Freud, em seguida, no mesmo trabalho, estabelece um breve resumo sobre as modificações dos objetivos da psicanálise desde o início até então, dando ênfase ao estabelecimento da neurose de transferência como fato atual e imprescindível ao tratamento. E aqui se

refere à transferência como uma compulsão à repetição que surge durante o tratamento dos neuróticos. Esclarece, nessa oportunidade, o equívoco que se formou acerca de as resistências do analisante serem por parte do inconsciente. Ao contrário, não há resistência alguma à análise por parte do inconsciente, ou seja, do reprimido. Este se submete o tempo todo a uma pressão no sentido do seu irrompimento à consciência ou a descarga dessa pressão por meio de uma ação, daí a repetição. A resistência durante o tratamento, diz Freud (1920/1996a, p. 30) “[...] origina-se dos mesmos estratos e sistemas mais elevados da mente que originalmente provocaram a repressão” (FREUD, 1920/1996a, p. 30). Freud quer, com essa questão, corrigir o que considera uma deficiência da nossa terminologia: não há que se contrastar consciente e inconsciente, mas ego coerente e reprimido. Grande parte do ego é inconsciente e somente parte dele é pré-consciente. Essa substituição de uma terminologia descritiva por uma sistemática e dinâmica, permite afirmar que a origem das resistências do analisante está no ego. Portanto, diz Freud (1920/1996a, p. 31), “imediatamente perceberemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente”. Nesse sentido, continua: “Parece provável que a compulsão só possa expressar-se depois que o trabalho do tratamento avançou a seu encontro até a metade do caminho e que afrouxou a repressão” (FREUD, 1920/1996a, p. 31). Ou seja, quando se estabelece a transferência em análise.

Freud (1920/1996a) observa que os “nossos esforços”, no trabalho de análise, dirigem-se no sentido de conseguir a tolerância do desprazer por um apelo ao princípio de realidade, visto que a resistência do sujeito em análise funciona sob a influência do princípio de prazer, buscando evitar o desprazer produzido pela liberação do reprimido. É nesse sentido que Freud levanta, agora mais claramente, a questão: “[...] como se acha a compulsão à repetição – a manifestação do poder do reprimido – relacionada com o princípio de prazer?” (FREUD, 1929/1996a, p. 31). E é aqui que, após reafirmar o fato de haver, no fenômeno da compulsão à repetição, desprazer para um dos sistemas e satisfação para outro, chega a um fato novo e digno de nota: “[...] a repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para moções pulsionais que desde então foram reprimidas” (FREUD, 1920/1996a, p. 31).

Freud (1920/1996a), na sequência do texto, aprofunda a problemática da repetição que se produz na transferência, observando o fato de os analisantes repetirem em transferência uma série de situações

indesejadas e emoções penosas. Exemplifica algumas dessas engenhosas situações que tomam a forma de situações novas e, em seguida, adverte que “Constituem, naturalmente, as atividades de pulsões destinadas a levar à satisfação, mas nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer” (FREUD, 1929/1996a, p. 32). Apesar disso, diz Freud (1920/1996a, p. 32), e acrescentamos, talvez por isso, “são repetidas, sob a pressão de uma compulsão”. Eis o ponto que distingue este texto de todos os anteriores: a repetição é “com-pulsão”, ou seja, a repetição aparece articulada com a pulsão e não somente com a transferência, como nos anteriores. A força propulsora da repetição é a pulsão, diz Freud (1920). Nesse sentido, a palavra compulsão, quando referida nesse trabalho, é tomada com novo significado, se considerarmos as referências iniciais ao termo, antes comentadas: a repetição é com pulsão.

Neste ponto, há que se estabelecer uma nota acerca da teoria pulsional, que, como mencionado, sofre um corte em 1920, pela mudança na definição de seu estatuto assim como na concepção de dualidade pulsional, cujo par “pulsões sexuais e pulsões de conservação” – que remetem, respectivamente, aos interesses ligados à obtenção de um prazer e à conservação da própria vida – cede lugar ao binômio assim constituído: “pulsões de vida e pulsões de morte”.

Sobre a pulsão, são esclarecedoras as seguintes observações de Cabas (2009), especialmente quando faz uma analítica do sintoma: O que o sintoma nos revela é que, se para além da consciência, está o inconsciente, para além do inconsciente está a pulsão. Daí conclui-se que “[...] se a estrutura formal do sintoma é dada pelo inconsciente, sua base material é pulsional” (CABAS, 2009, p. 48). Esclarecendo ainda mais, conclui:

E como quem menciona “a pulsão” está se referindo ao “órgão” – o órgão que constitui a fonte da pulsão – resta a evidência de que o inconsciente é uma tentativa de aprender, por meio da representação psíquica da meta pulsional, aquilo que, em nome da satisfação faz palpitar uma vida (CABAS, 2009, p. 48).

O termo pulsão apareceu pela primeira vez na versão inicial de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nessa oportunidade, Freud (1905) definiu a pulsão como a representação psíquica de uma fonte

endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas vindas do mundo externo. A pulsão seria, portanto, um dos conceitos de delimitação entre o psíquico e o somático. O que está em pauta, desde então, é fundamentalmente a pulsão sexual, cuja caracterização ilustra a tamanha inovação que Freud estabeleceu à concepção dominante de sexualidade, tanto no senso comum, como na sexologia.

Para Freud (1905), a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às atividades sexuais, com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso, cuja energia é a libido. A pulsão sexual não possui qualidade alguma em si mesma, “devendo ser tomada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica” (FREUD, 1905, p. 102). A pulsão sexual, assim, assume a forma de um conjunto de pulsões parciais. Por sua vez, a natureza sexual dessas pulsões (parciais), que constitui a base da sexualidade infantil, delinea-se, num primeiro momento, como um processo de apoio a outras atividades somáticas, relacionadas a zonas específicas do corpo, que, dessa maneira, adquirem estatuto de zonas erógenas. Nessa linha, a satisfação da necessidade de nutrição, alcançada por meio do chuchar (*Ludeln ou Lutschen*), é uma fonte de prazer, onde os lábios constituem uma zona erógena, originada de uma pulsão parcial. Essa pulsão, cujo cunho sexual é ligado à erotização da suposta zona corporal, posteriormente se separa do objeto de apoio, tornando-se autônoma e funcionando de maneira autoerótica (FREUD, 1905).

Cabas (2009), relendo o texto de Freud sobre a pulsão e suas vicissitudes (1915), onde Freud destaca o fato de a pulsão se apresentar no domínio psíquico como um estímulo muito particular, refere que assim o é,

[...] primeiro, porque ela não provém do exterior, mas do próprio organismo [...] segundo porque atua diretamente – sem intermediação nem interferência de espécie alguma – sobre o psiquismo. Em terceiro porque, em função dessas características, é um estímulo que tem o estatuto de uma excitação e, como tal, exige a execução de um ato que tenha a capacidade de suprimir o desequilíbrio tensional provocado (CABAS, 2009, p.51).

Em seguida, sublinha que “O argumento freudiano dá a entender que o estímulo incide e aparece como uma presença que irrita, que

inquieta, que desestabiliza... [...] a tendência inercial da vida psíquica [...] o princípio do prazer que vigora no domínio psíquico” (CABAS, 2009, p. 56).

Uma série de construções acerca do conceito de pulsão foi sendo desenvolvida por Freud, visto ser a pulsão, junto com a libido e o narcisismo, os três grandes eixos da teoria freudiana da sexualidade. Dentre essas formulações, Freud propôs a ideia de um dualismo pulsional, que opunha pulsões sexuais, cuja energia é de ordem libidinal, e pulsões de autoconservação, cujo objetivo é a manutenção da existência do sujeito.

Em 1920, Freud estabelece um novo dualismo pulsional, onde esse par – pulsões de autoconservação e sexual – não é mais oposto, mas tomado como um conjunto designado por pulsões sexuais. O novo dualismo se estabelece entre pulsão de vida e pulsão de morte.

A pulsão visa o restabelecimento de um estado anterior de coisas reenviando o sujeito a uma condição inorgânica (FREUD, 1920/1996a). A expressão “princípio de Nirvana”, utilizada por Freud, busca elucidar a peculiaridade da pulsão de morte, que corre nesse sentido quando pensada em termos absolutos, ou seja, no sentido de encaminhar o aparelho psíquico à ausência de excitação. No entanto, a clínica vem mostrar a Freud que, se a pulsão visa à redução do funcionamento da vida anímica ao menor nível de excitação possível, articulada com o gozo, ela eleva essa excitação, distanciando-se assim do funcionamento do princípio de prazer. É nesse movimento que se situa a repetição, que sendo inconsciente e incontrolável, leva o sujeito a repetir experiências traumáticas, colocando-se reiteradamente em situações dolorosas. Pulsão de morte e repetição não se distinguem claramente, uma vez que a repetição é o próprio movimento da pulsão.

A pulsão, para Carvalho (2004), “[...] não é mais que um conceito cujo objetivo não é descrever a realidade, mas explicá-la. Não foi apreendido a partir de observações ou de dados científicos, mas construído como modelo do real”. Segundo Freud, essa construção é a mais inconclusa e, ao mesmo tempo, a mais importante da psicanálise.

A título de elucidação, portanto, destacamos que o conceito de pulsão de morte foi estabelecido a partir da conjugação entre pulsão e repetição. Nesse passo da construção teórico-clínica, Freud pôde esclarecer acerca da finalidade da pulsão de morte, cujo movimento é inconsciente, como antes referido, encíclico e compulsório: a absoluta satisfação por meio da repetição.

Cabas (2009, p. 74), ao se referir sobre o contexto da reformulação da teoria das pulsões, sublinha que Freud (1920) introduz aí um princípio que modifica a clínica:

[...] o princípio segundo o qual o trabalho analítico deve poder atingir um plano que está mais além do princípio do prazer. E como o prazer era, até então, o ponto de mira da interpretação, o que Freud introduz é a ideia de que existe “um prazer mais além”, ou seja, um prazer ligado à satisfação pulsional que é preciso atingir e fazer bascular.

Em última análise, refere Cabas (2009, p. 75): “[...] para Freud, trata-se de decifrar um fenômeno clínico que tem consequências teóricas e ressonâncias epistêmicas: o fenômeno da repetição”. O mesmo autor, sintetizando o espírito do texto de 1920, ratifica a relevância do fenômeno quando sublinha que, neste ponto da construção do edifício psicanalítico, Freud aponta para uma nova dimensão da clínica que é a clínica da repetição, antecedida por duas fases: primeiro, aquela que visava preencher as lacunas da consciência por meio da interpretação; segundo, a que buscava superar a resistência.

Resumindo, podemos dizer que até 1920 pensava-se a repetição enquanto uma insistência do material recalcado em se manifestar à consciência. Acesso que era, em parte, impedido pelo recalque. Esse movimento devia-se ao princípio de prazer, visto que o que era visado como satisfação seria sentido como desprazer. Assim, o prazer advindo do sistema inconsciente, inscrever-se-ia simultaneamente na consciência como desprazer.

A prática clínica de Freud, como vimos, deixa de endossar esta noção, ao menos integralmente, quando situações que se repetem, como aquelas antes mencionadas, não podem ser compreendidas considerando uma submissão ao princípio de prazer. Em outras palavras, o par de opostos prazer *X* desprazer, não dá conta daquilo que não é da ordem do prazer, visto que mesmo no desprazer há satisfação.

Freud delineia a partir daí o seu modelo de psiquismo visando dar conta desses fenômenos até então enigmáticos. E, nesse “modelo”, o que é da ordem do trauma, da causa do desprazer, não se reduz a desejos insatisfeitos que repercutem no inconsciente, assim como também não se restringe a representações inconciliáveis com o eu, ou se relaciona com uma satisfação perdida que se busca alcançar. A própria fonte de

excitações, suas origens, enfim, o que é da ordem do pulsional, é traumático. Essa noção não contradiz as afirmações anteriores sobre o tema, no entanto, a repetição aqui é apresentada como uma tentativa de sujeitar aquilo que é irreduzível à representação, ou seja, que está fora da ordem do sentido.

Podemos dizer que é a partir de 1920 que a repetição remonta ao que está para além de qualquer significação possível, conforme a leitura lacaniana comentada anteriormente, quando da abordagem relativa à angústia. O que se repete, portanto, insiste no sentido de suplicar por alguma conexão, por alguma simbolização. No entanto, na mesma medida em que o fenômeno (da repetição) acontece, despedaça qualquer arranjo simbólico possível a partir do processo secundário. A seguinte passagem do texto em comento conduz-nos nesse sentido:

No caso da brincadeira infantil, pensamos ter entendido que a criança repete a vivência, mesmo que desagradável, buscando adquirir uma maestria no controle da forte impressão deixada pelo episódio.

[...].

Portanto, a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar e atar a excitação das pulsões que chegam ao processo primário. No caso de fracasso desse enlaçamento, provocar-se-ia uma perturbação análoga a da neurose traumática. Só depois de ter havido um enlaçamento bem-sucedido é que poder-se-ia estabelecer o domínio irrestrito do princípio do prazer (e de sua modificação em princípio da realidade). Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar ou enlaçar a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio do prazer, mas operando independentemente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração. A tarefa de processar os estímulos que foram causa de trauma antecede o início da soberania do princípio do prazer (FREUD, 1920/1996a, p. 28).

Nesse sentido, a repetição tratada enquanto compulsão, ou também podemos dizer enquanto pulsão de morte, pode ser pensada aquém e não além do princípio do prazer, embora a ideia de um “além”

se refira àquilo que ultrapassa a possibilidade de vinculação, retornando como ameaça de repetição do trauma. No entanto, está aquém já que acontece justamente a partir do material que não é enlaçado por meio das camadas superiores do aparelho psíquico, restando fora do domínio do princípio do prazer e, conseqüentemente, do princípio de realidade que, como vimos, ocorre como uma metamorfose a partir daquele. De qualquer maneira, além ou aquém, é um retorno que ameaça no sentido de repetir o trauma, por sua vez anterior ao princípio de prazer. A partir disso, postulamos que aquilo que se repete faz retornar algo de incompreensível, algo da experiência traumática, que assim o é pela impossibilidade de inscrição. Os efeitos desse movimento repetitivo, que é próprio da pulsão de morte, assim como do registro do real, são tratados pelo sujeito não como um ato de natureza pulsional, um retorno de algo, mas como se fosse um acaso, uma coincidência.

A ideia lançada acerca da repetição aquém do princípio do prazer, parte da suposição de que antes desse princípio instituir-se-á um estado não organizado por princípio algum, uma vez que o princípio do prazer não está desde o início, mas se constrói na busca de repetir ou reencontrar a vivência de satisfação, sendo, nesse passo, invadido pelo princípio de realidade.

Lacan (1964/1993), que, no *Seminário sobre Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, refere que toda a pulsão é de morte, brinda-nos, nesse mesmo texto, com questões que elucidam o que foi desenvolvido até aqui, especialmente quando estabelece uma distinção entre dois tipos de repetição. Vejamos.

Como mencionamos na introdução do texto, o mestre francês, ao reler Freud acerca da repetição, evoca o filósofo grego Aristóteles, especialmente a sua teoria dos princípios ou teoria das quatro causas, para examinar acerca da causalidade. Nesse exame, onde distingue os dois tipos de repetição, Lacan se serve dos seguintes termos, tomados de empréstimo da física aristotélica: tiquê e autômaton.

Lacan (1964/1988, p. 56) introduz a noção de tiquê referindo-se a um “[...] encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, como um real que escapole”. Em seguida, ensina:

Nós a traduzimos [a tiquê] por encontro do real. O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud,

que é do que ele cuida (LACAN, 1964/1988, p. 56).

A tiquê se refere ao encontro do sujeito com a falta. Com o que lhe é traumático, portanto, com o seu real que, como vimos, é o que não foi passível e possível de ser simbolizado, continuando a retornar inevitavelmente ao mesmo lugar.

Lacan traz à baila a questão do fantasma para demarcar o que pretende acerca do real. Esse encontro do sujeito com o nada que acontece em algum ponto na repetição:

O lugar do real, que vai do trauma à fantasia [fantasma] – na medida em que a fantasia [fantasma] nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição – aí está o que precisamos demarcar agora. [...] O real pode ser representado pelo acidente, pelo barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando. [...] por outro lado, essa realidade não é pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud (LACAN, 1964/1988c, p. 61).

Sim, Lacan vai da repetição à pulsão, confirmando a indistinção dos fenômenos. Aí marca o fato de o fantasma se estabelecer como um recurso do qual o sujeito lança mão para recobrir a falta por detrás da representação. A falta do Outro. Aí, onde o fantasma se fixa, tem lugar a repetição.

Se, de um lado, a tiquê presentifica o real, ou seja, o que não é simbolizado nem tampouco verbalizado pelo sujeito; de outro, o autômaton, o outro termo aristotélico tomado de empréstimo por Lacan, vem marcar um movimento diferente, parte do mesmo fenômeno: alguma coisa insiste na repetição. O simbólico insiste, nos diz Lacan (1964/1988). A palavra insiste. Esse movimento insistente fala daquilo que desliza na cadeia significante, ou seja, aquilo que, no sujeito, de alguma maneira busca simbolizar o real (LACAN, 1964/1988), deslizando. Nesse sentido, mais do que dois tipos de repetição, autômaton e a tiquê são como duas facetas do mesmo fenômeno.

É no seu aporte simbólico que o sujeito busca enlaçar e inscrever o que fica de fora. O real. Este não retorna, mas se repete como falta. E nessas repetições, ensina Lacan (1964/1988), vai fundando o mundo sujeito, a sua realidade psíquica. O real não é a realidade, enquanto entendida como os objetos do mundo, mas é o que confere realidade ao mundo, na medida em que é realidade psíquica. Oportuno lembrar, inclusive, que Lacan afirma desde o seu primeiro seminário que a realidade é fantasmática.

No instante em que algo desse real impassível de enlaçamento – algo desse nada – aparece para o sujeito, aí se presentifica a tiquê.

Lacan (1964/1988, p. 62), após distinguir esses dois registros na repetição – simbólico e real –, observa que “não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida”. A repetição é necessariamente encontro com a falta. Lacan (1964/1988, p. 55-56) deixou isso muito claro em algumas passagens: “Esse real, onde o encontramos? É, com efeito, de um encontro, de um encontro essencial, que se trata no que a psicanálise descobriu – de um encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole”. Mais adiante, afirma: “Lá está o real que comanda, mais do que qualquer outra coisa, nossas atividades, e é a psicanálise que o designa para nós”.

A partir da construção estabelecida até aqui, por meio da qual estudamos não somente os conceitos propostos inicialmente, mas também pudemos nos aproximar de uma série de noções fundamentais à clínica psicanalítica, que nos é tão cara, estabeleceremos a seguir alguns pontos de reflexão que foram se compondo ao longo do percurso, os quais nos encaminham para a conclusão da pesquisa.

## 5 ALGUMAS PALAVRAS EM CONCLUSÃO

Consoante anotado no início do texto, não foi a nossa pretensão exaurir quaisquer dos temas estudados. Aliás, a pesquisa possibilitou-nos, por mais de um motivo, a experiência muito vívida acerca dos limites da exploração a que nos propomos. Os entrelaçamentos entre o tema proposto e outros tantos estimados à práxis da psicanálise, ao mesmo tempo em que nos move no sentido de querer saber, nos possibilita perceber e lidar com os limites. Nesse sentido, a partir do recorte possível até aqui, diremos algo a mais acerca das conjunções e disjunções entre os conceitos de transferência e repetição. Seguiremos para tanto o curso das nossas reflexões contando-as ao leitor, na medida do possível.

Freud (1912/1996g) ensinou-nos que a transferência em análise é o fenômeno que torna presente as pulsões recalcadas. Por meio dela, experiências infantis se repetem – o que prova a origem sexual das neuroses – e determinam a forma de o sujeito relacionar-se com seus objetos. O mestre vienense, entretanto, foi cauteloso ao afirmar que aí não está toda verdade, uma parte disso escapa, e é articulada por meio do conceito de pulsão de morte. Lacan (1964/1988), no mesmo sentido, afirmou que a transferência é a atualização da realidade do inconsciente no que ela é sexualidade. As observações dos mestres deixam clara a função necessária da transferência em uma análise. Tanto que, como observam ambos, não há análise sem transferência, visto ser por meio desta que o inconsciente se manifesta em palavras e em atos. Sem a transferência, cujo manejo é a grande dificuldade a ser enfrentada pelo analista, o que é ausente do sujeito permanece ausente.

Se tomarmos as advertências de Freud (1912), a partir dos textos estudados, podemos considerar a transferência como algo espontâneo. Especialmente quando nos diz que existem condições para o enamoramento. Ou seja, condições prévias para o exercício do amor, as quais se ligam às pulsões, em busca de satisfação. Esse método próprio de se conduzir na vida erótica “[...] produz o que se poderia descrever como um clichê estereotípico, constantemente repetido – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa” (FREUD, 1912/1996g, p. 133). Clichês decorrentes de ideias libidinais infantis (imagos infantis) que, por não serem mutáveis diante de experiências recentes, dirigem-se às pessoas que se aproximam incluindo-as nessa série psíquica. Eis o que se atualiza na transferência em análise: um

modo de funcionamento psíquico por meio do qual o sujeito busca a satisfação de suas pulsões.

Se há, portanto, uma disposição da libido à espera no sujeito, trata-se da busca de uma satisfação infantil que visa o amor naquilo que ele oferece imaginariamente de completude. E aí, cada um tem sua forma específica e única de alcançá-la. Na transferência em análise, contudo, o que há é uma possibilidade de o sujeito transformar essa busca infantil em um querer saber da verdade inconsciente que é atualizada e deverá ser recebida e manejada pelo analista também de um modo absolutamente próprio. Esse modo, ainda que próprio, consiste em instalar o Sujeito suposto Saber a partir da transferência, ou seja, a partir da repetição do analisante no que ela carrega de simbolismo, de autômaton. O Sujeito suposto Saber trata-se, pois, de um equívoco necessário à estruturação da palavra e da significação. Diz-se equívoco, visto o conhecido fato de o saber estar no analisante e não no analista. Esta é, contudo, a possibilidade de o sujeito trabalhar, abrindo-se à palavra.

Primeiramente, o analisante buscará incluir o analista na sua série psíquica, depois, dependendo do manejo deste, questionar-se-á acerca do seu inconsciente. No decorrer do processo, deverá operar uma subversão do Sujeito suposto para, enfim, o analisante encontrar-se com a sua falta, com o resto não simbolizado. Desse modo, há uma dimensão significante na transferência, que é o desejo do sujeito sendo conduzido pela demanda e uma dimensão pulsional, que possibilita o encontro com a junção do seu desejo com um modo, também somente seu, de satisfação, ou seja, o modo como a pulsão fixou a satisfação na singularidade do desejo e de seu objeto.

Sendo assim, podemos afirmar que, para aparecer um sujeito no caminho de uma análise, de um lado há que se repetir o sujeito do desejo em sua face significante. De outro, há que se encontrar um lugar absolutamente vazio de representações que é o real. Nesse sentido, vale lembrar a afirmativa de Lacan (1964/1988) segundo a qual o real comanda mais do que qualquer outra coisa os nossos atos, sendo disso que trata uma análise. O mestre francês destaca essa noção com muita clareza no *Seminário II*, quando refere que a psicanálise é uma *práxis* orientada para aquilo que no coração da experiência é o núcleo do real. Sim, o real como causa ou “Do real em causa”, como Cabas (2009, p. 197) intitula um de seus textos. Essa noção “[...] está inscrita no coração da prática clínica como um dos fundamentos da direção da cura [...]” (CABAS, 2009, p. 197). Por esse fato, foi tão cara para Lacan a

formalização das recomendações freudianas relativas a essa direção, especialmente por meio dos matemas (CABAS, 2009).

Assim sendo, algo do real deverá se presentificar no curso de uma análise. Esse real, que de muitas formas e por vias distintas pode ser encontrado na vida, na medida em que é de um encontro mesmo que se trata, é possibilitado a partir de uma espécie de construção que se estabelece entre analista e analisante a partir do manejo da transferência e da repetição simbólica, do autômaton, como distinguiu Lacan.

É a transferência que possibilitará ou não o relançamento do fantasma do sujeito em mais uma experiência em busca da satisfação. Esse relançamento do fantasma no âmbito da análise é a repetição em cena, ou seja, a pulsão de morte lançando insistentemente, pela tiquê, algo de inassimilável do sujeito. O real.

Sendo assim, concordamos e parece-nos que conseguimos aclarar as palavras do mestre francês, segundo as quais não há como confundir a repetição com o retorno dos signos ou tão somente com uma ação que rememora algo do sujeito. Também pudemos confirmar, no percurso da construção do texto, a outra afirmativa lacaniana anotada inicialmente acerca da identificação entre transferência e repetição na conceitualização dos psicanalistas, o que pode tornar a repetição obscurecida. Esse obscurantismo deve-se ao fato de a transferência ser a via por meio do qual a repetição, nas suas duas faces – tiquê e autômaton – se estabelece. O autômaton, que é o enredo muito próprio do sujeito, busca fisgar o analista no sentido de fazê-lo parte dessa história enredada que se repete. A tiquê, por sua vez, se presentifica na análise quando a palavra falta, o significante não existe, o nada aparece. Esse encontro com o real, como já observado, passa pela transferência. Nesse sentido, os conceitos de repetição e transferência são disjuntos na medida em que se tratam de construções teóricas diferentes elaboradas no sentido de contornar, simbolicamente, fenômenos distintos. No entanto, vale salientar, concluindo, que tanto um quanto outro (fenômeno) têm relevância para a psicanálise na medida em que acontecem juntos. Lembremos que o percurso de uma análise faz advir um sujeito e esse advento passa necessariamente pela experiência da repetição em transferência.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, jul/dez 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v11n2/a03v11n2.pdf> Acesso em: 19 mar. 2012.

ANDRADE JUNIOR, M. *Ética da Psicanálise e Desejo do Analista*: bases conceituais do desejo do analista na ética do seminário VII de Lacan. 2008. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VC\\_SA-7NXJYB/dissertacao\\_etica.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VC_SA-7NXJYB/dissertacao_etica.pdf?sequence=1) Acesso em: 07 jun. 2012.

BARATTO, Geselda. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 29, n. 1, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100007&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 02 fev. 2013.

BIRMAN, Joel. A clínica na pesquisa psicanalítica. In: *Encontro de pesquisa acadêmica em Psicanálise*. Atas do 2º encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise, São Paulo, 1992, p. 7-37.

\_\_\_\_\_. A problemática da verdade na psicanálise e na genealogia *Tempo psicanal*, Rio de Janeiro, v.42, n.1, jun. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000100010&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 10 dez. 2012.

BREPOHL, Daniel Dias. *As psicoses na obra de Freud à luz da categoria do estranho*. 2012. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: [http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2012/05/Daniel-Dias-Brepohl-\\_trabalho-de-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2012/05/Daniel-Dias-Brepohl-_trabalho-de-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf) Acesso em: 28 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 15, n. 1, 2010, 228-247. Disponível

em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/estic/v15n1/a15v15n1.pdf>  
Acesso em: 15 nov. 2012.

CABAS, Antonio Godino. *O Sujeito na Psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CAMPOS, Érico. Limites da terapia pulsional na metapsicologia freudiana: o aquém e o além da representação do sofrimento psíquico. *Anais do 3º Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental; e 9º Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. Niterói, 2008. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/pagina-temas-livres-459> Acesso em 15 nov. 2012.

CARVALHO, Alfredo. *O Conceito de Pulsão em Psicanálise*. Petrópolis, 2004. Disponível em: <http://www.cos.ufjf.br/~alfredo/classnotes/LUIS%20ALFREDO%20TEORIA%20DA%20PULSAO.pdf> Acesso em: mar. 2014.

CHARMOILLE, Jean. *HEIMLICH - UNHEIMLICH*. Montbéliard, 11 nov. 2001. Disponível em: <http://www.sonecrit.com/texte/PDF/portugais/Heimlich-unheimlich.pdf>

COIMBRA, Maria Lúcia Salvo de. O retorno a Freud de Lacan. *Reverso*, v. 29, n. 54, 2007, p. 29-36. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952007000100005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952007000100005&script=sci_abstract) Acesso em: 15 nov. 2012.

COTTET, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

DOR, J. *Introdução à Leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

EIZIRIK, Cláudio. Pulsão, com pulsão, compulsão. *Rev. bras. psicanálise*, v. 43, n. 2, junho 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2009000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200014&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 25 abr. 2013.

ELIA, Luciano. A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 3, 1999. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721999000300015&lng=en&tlng=pt.%20http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300015&lng=en&tlng=pt.%20http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015) Acesso em: 15 nov. 2012.

FELIZOLA, Maria. Cristina. *Lacan e o Estruturalismo*. 2000. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Disponível em: <http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f05d7a9603b0.pdf> Acesso em: 15 nov. 2012.

FINK, B. A causa real da repetição. In: *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, s.d..

FLEIG, M. Que peso tem para um filho o pai em pecado? Lacan leitor de Kierkegaard. *HU on-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 314, ano 9, novembro de 2009.

FRANCO, Sérgio. A transferência na histeria: um estudo no “Caso Dora” de Freud. *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano 13, n. 132, abr. 2000, p. 23-33. Disponível em: [http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/132\\_03.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/132_03.pdf) Acesso em: 15 nov. 2012.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obra original publicada em 1920-1922).

\_\_\_\_\_. Artigos sobre a técnica. In: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos, 1911-1913. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Obra original publicada em 1911-1915 [1914]).

\_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Obra original publicada em 1915-1917).

\_\_\_\_\_. Conferência XXVII. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Obra original publicada em 1916-1917).

\_\_\_\_\_. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: História de uma neurose infantil e outros trabalhos, 1917-1919. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Obra original publicada em 1917).

\_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência. In: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos, 1911-1913. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. (Obra original publicada em 1912).

\_\_\_\_\_. O Estranho. In: Uma neurose infantil e outros trabalhos, 1917-1918. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. (Obra original publicada em 1919).

\_\_\_\_\_. Estudos sobre a histeria. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. (Obra original publicada em 1893-1895).

\_\_\_\_\_. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos, 1901-1905. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. (Obra original publicada em 1901).

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. (Obra original publicada em 1925).

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996k. (Obra original publicada em 1900).

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III. In: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos, 1911-1913. *Edição standard brasileira das*

*obras completas de Sigmund Freud*, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1915 [1914]).

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996m. (Obra original publicada em 1893-1895).

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. In: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos, 1911-1913. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996n. (Obra original publicada em 1914).

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. A Pesquisa Acadêmica em Psicanálise. *Anuário Brasileiro de Psicanálise 92-93*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

\_\_\_\_\_. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HANNS, L. A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARARI, R. *La repetición del fracaso*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

\_\_\_\_\_. *Seminário A angústia de Lacan: uma introdução*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

KAUFMANN, P. (org.) *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979. (Obra original publicada em 1953-1954).

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. (Obra original publicada em 1955-1956).

\_\_\_\_\_. Aula IX: Passagem ao ato e acting out. In: *O Seminário, livro 20: Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Obra original publicada em 1972 – 1973).

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988a. (Obra original publicada em 1954-1955).

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988b. (Obra original publicada em 1959-1960).

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988c. (Obra original publicada em 1964).

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 8*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Obra original publicada em 1960-61).

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Obra original publicada em 1956-57).

\_\_\_\_\_. Carta Roubada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

\_\_\_\_\_. Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

\_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. (Obra original publicada em 1958).

\_\_\_\_\_. Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d. (Obra original publicada em 1960-64).

\_\_\_\_\_. *O Seminário livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Obra original publicada em 1960).

\_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Obra original publicada em 1962-1963).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LEITE, M. *Psicanálise Lacaniana*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LOJONQUIÈRE, L. Epistemologia e psicanálise: o estatuto do sujeito. *Percursos*, v. 13, n. 2, 1994.

LOWENKRON, Theodor. *Compulsão*. 2009. Disponível em: <http://febrapsi.org.br/publicacoes/Espa%C3%A7o%20Theodor%20Lowenkron%235%23Compuls%C3%A3o.doc>

MARTINI, André de; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Novas notas sobre “O estranho”. *Tempo psicanal.* [online], v. 42, n.2, 2010, p. 371-402. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a06.pdf>

MASCARELLO, T. Vicissitudes de um Significante. In: *Jornadas Brasileiras de Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana: O significativo Lacaniano*, 6, mai. 2006.

MEDEIROS, R. H. Meu paciente não para de repetir... isso é mau?: A concernência da repetição. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 21, n. 3, set. 2001. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300007&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 07 jun. 2012.

MELMAN, C. *Educa-se uma criança?* Rio grande do Sul: Artes e Ofícios, 1999.

NASCIMENTO, B. As duas verdades: Descartes com Lacan. *Estudos Lacanianos*, v. 1, n. 2, ago/set 2008. Disponível em: <http://marcosbulcao.wordpress.com/2010/05/23/as-duas-verdades-descartes-com-lacan/> Acesso em: 20 nov. 2012.

OLIVEIRA, R. H.; ANTONELLO, D. F. A repetição e o “Projeto...” de 1895: gérmen de um conceito. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 14, n. 2, jun. 2011, p. 237-251.

PLATÃO. *O banquete*. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972.

POLI, M. C. Pesquisa em Psicanálise. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, n. 29, 2005, p. 42-47.

PORGE, E. *Freud/Fliess, mito e quimera da auto-análise*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

PRADO FILHO, K. *Uma história política da verdade*. Rio de Janeiro: Insular, 2006.

QUINTET, A. *Um olhar a mais: Ver e ser visto na psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

RABINOVICH, D. *O Desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

REMOR, C. A. *Da Hermenêutica à Psicanálise*. 2002. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

\_\_\_\_\_. *As Faces da Transferência*. 2009. Trabalho não publicado.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, M. A. A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. *Temas psicol.*, v. 2, n. 2, ago. 1994. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 15 nov. 2012.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SPINELLI, M. *Filósofos Pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

TOLEDO, Marília Rietmann. *A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica*. 2003. Dissertação de mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/4124/4124\\_4.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/4124/4124_4.PDF)

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 11, n. 2, 2011, p. 525-554. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=pt) Acesso em: 09 fev. 2014,

VIOLA, D. A formulação do objeto a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v. 9, n.3, set. 2009, p. 867-903.